

EDIÇÃO GRATUITA - 100.000 EXEMPLARES

# POVO LIVRE

Edição Especial

50 anos PSD



1º Aniversário PSD | Estádio 1º Maio, Lisboa, Maio 75



Aniversário PSD | Estádio 1º



2º Aniversário PSD | Leça da Palmeira, Maio 76



Comício PPD | Pavilhão dos Desportos, Lis



Assinatura Acordo AD

NA CELEBRAÇÃO DOS

# 50 ANOS PSD

ARTIGOS DE OPINIÃO EXCLUSIVOS

Luís Montenegro | Hugo Soares | José Pedro Aguiar-Branco | Pedro Pimpão |  
Helder Sousa Silva | Pedro Roque | João Pedro Louro | Alexandre Poço | Paulo  
Cunha | Maria da Graça Carvalho | José Manuel Bolieiro | Miguel Albuquerque

PONTOS DE VISTA DE EX-DIRETORES DO JORNAL

Pedro Roseta | Carlos Encarnação | Luís Campos Ferreira  
| Nuno Freitas | José Luís Moreira da Silva | Jorge Neto |  
José Cancela Moura | Miguel Santos | José Pacheco Pereira

# Cinco décadas de “Povo Livre”

**O “Povo Livre” mantém-se fiel ao seu propósito fundador, continuando a contribuir para o crescimento e fortalecimento das nossas bases militantes, para a divulgação das nossas ideias e projetos, enfim, assumindo-se como um meio privilegiado e valioso para a afirmação do PSD como o partido mais bem preparado para dar a Portugal e aos Portugueses o futuro que ambicionamos e merecemos.**



Emilia Santos | Diretora do Povo Livre

O ano de 1974 é, inequivocamente, especial para todos os que prezam a Liberdade e a Democracia. Para nós, militantes e simpatizantes social-democratas, é particularmente especial também porque, nesse ano, em maio, nasceu o Partido Popular Democrático, que, dois anos mais tarde, ganharia a designação Partido Social Democrata.

Já aqui celebrámos os 50 anos da extraordinária história do nosso partido, da sua afirmação imparável tendo como força motriz a sociedade civil, da sua componente humanista e reformista que o distingue no panorama político-partidário.

Hoje, quero dedicar estas linhas ao “Povo Livre”, a este jornal que tenho a honra de dirigir e que tem sido, desde o primeiro momento, uma voz genuína do nosso partido, um espaço de partilha de ideias, opiniões e iniciativas, um autêntico património imaterial do PSD.

Foi a 13 de agosto de 1974 que saiu o primeiro número do “Povo Livre”. Na capa, em destaque, a entrevista a Francisco Sá Carneiro, que perspetivava o futuro de um partido “descomprometido e dinâmico”. Mais abaixo, um artigo debruçava-se a explicar o modelo de desenvolvimento proposto pelo PPD e os seus princípios basilares, “liberdade, justiça, igualdade de oportunidades para todos e solidariedade”. Ao lado, o editorial, assinado por Manuel Alegria – o primeiro Diretor do “Povo Livre” –, incidia sobre a importância de se criar confiança na sociedade para se alcançar um “Portugal Democrático, livre e socialmente justo”.

Passados cinco décadas, é de notar que os valores essenciais do nosso partido se mantêm preservados, e a nossa ação política, tendo evoluído em consonância com a própria evolução da nossa sociedade e do mundo, é coerente com os princípios fundadores.

Do mesmo modo, o “Povo Livre” mantém-se fiel ao seu propósito fundador, continuando a contribuir para o crescimento e fortalecimento das nossas bases militantes, para a divulgação das nossas ideias e projetos, enfim, assumindo-se como um meio privilegiado e valioso para a afirmação do PSD como o partido mais bem preparado para dar a Portugal e aos Portugueses o futuro que ambicionamos e merecemos.

É, pois, da mais elementar justiça prestar homenagem a todos os Diretores e colaboradores que, ao longo destas cinco décadas, deram o melhor de si ao “Povo Livre”, assegurando que este jornal cumpria com o seu propósito, num exercício de verdadeira militância e de compromisso com os ideias do partido.

Aos que, hoje, colaboram de forma abnegada e tornam possível apresentar, semanalmente, um jornal atual, diversificado e rico em conteúdo e, não menos importante, de leitura pertinente, expresso o meu sincero agradecimento e reconhecimento público.

**50 anos de PSD. 50 anos de “Povo Livre”. Parabéns!**



# Não desistimos da democracia

«O PPD é, pelo menos, temido, e temido porque é forte: representa uma força real na política portuguesa, que outras forças não veem com bons olhos.»

Francisco Sá Carneiro, 1974

# Não desistimos da democracia

Francisco Sá Carneiro, Francisco Pinto Balsemão e Joaquim Magalhães Mota fundaram o Partido Popular Democrático. São os três pais de uma ideia inspiradora anunciada ao país, através do Telejornal da RTP, às 19h02, onze dias depois do 25 de Abril.

O PPD, como lembra Marcelo Rebelo de Sousa em "A Revolução e o Nascimento do PPD" (1.º volume), "não surgira do nada, não era produto de mero improviso de ocasião". No fundo, o PPD começa por fazer a síntese de três correntes que então dominavam: uma linha católica-social, uma via social-liberal e uma vertente tecnocrático-social centrada na promoção justa.

A partir destas raízes, aqueles três homens de carácter e abnegação dão corpo a uma geração de vontades: a democracia fazia falta a Portugal. No plano dos pormenores, coube ao talentoso Rúben A. convencer os fundadores sobre a designação Partido Popular Democrático.

No dia 7 de maio de 1974, Francisco Sá Carneiro, Francisco Pinto Balsemão, Joaquim Magalhães Mota e Miller Guerra apresentavam pessoalmente o projeto de criação do PPD ao presidente da Junta de Salvação Nacional, o general António de Spínola.

O resto da história muitos já a conhecem, mas convém recordar que o PPD começou com 4 mil mi-

litantes, entre 1974 e 1975, e aos poucos, de Norte a Sul bem como nos Arquipélagos dos Açores e da Madeira impôs-se como a alma política dos portugueses, com uma implantação popular abrangente, urbana e rural, mas muito para lá das "muralhas" de Lisboa.

É justo dizer que o PSD foi um ator vivo da História de Portugal durante os últimos 50 anos. O PSD é o grande partido do pós-25 de Abril (a par, reconheça-se, do PS).

Se o Movimento das Forças Armadas (MFA) pôs termo à ditadura e à guerra colonial, o PSD contribuiu para a consolidação da democracia, para a adesão à então Comunidade Económica Europeia e para a transformação económica e social de Portugal, sob a maestria de Aníbal Cavaco Silva. Por mais que alguns detestem ouvir a verdade, ela não deve ser obliterada: Aníbal Cavaco Silva foi o melhor Primeiro-Ministro de Portugal, contribuiu para a prosperidade ao país como ninguém, liderou governos reformistas e determinados para melhorar as condições de vida da população.

Deve-se, ainda, ao PSD o fortalecimento da democracia de tipo europeu-ocidental, representativa e constitucional, assente no pluralismo político e no primado da lei e do Estado de direito; a preservação do Estado social e o reforço da economia de mercado (basta recordar o papel do PSD na





**“A democracia é difícil e exigente, mas dela não nos demitimos”.**

Francisco Sá Carneiro

revisão constitucional de 1989); a consagração plena dos direitos, liberdades e garantias; a afirmação das autarquias locais como pessoas coletivas territoriais; e o reconhecimento dos costumes, das tradições, da identidade cultural, da nossa experiência histórica, da língua portuguesa e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Também o “Povo Livre” representa todo este ideário, que vai ao encontro das aspirações do povo; é a voz da vida do Partido, da ordem e normatividade interna (convocatórias, Estatutos e regulamentos), da ação das nossas estruturas – Secções, Distritais e Regionais, não esquecendo as Comunidades além-fronteiras. O “Povo Livre” vive e resiste como símbolo icónico dos que ainda acreditam na força das palavras e dos periódicos com uma visão legítima e justa para as massas.

A política é feita de muitos milhares de homens e mulheres, os militantes, que já não colam cartazes, mas intervêm nas assembleias, no poder local, nas plataformas digitais, nas redes sociais e nos grupos de reflexão organizados (“think tanks”), que estudam e debatem economia, política, segurança, tecnologia, meio ambiente e outros campos de interesse social. São eles a razão de ser do Partido, da realização da dignida-

de de cada indivíduo e, uma vez mais, da defesa intransigente da liberdade, da igualdade, da tolerância e da solidariedade.

Quarenta e um Congressos – o 42.º tem lugar em Braga nos dias 21 e 22 de setembro – 11 eleições diretas e 19 Presidentes depois, o PSD continua a ser o protagonista vivo da esperança, do projeto mobilizador rumo ao desenvolvimento em linha com a Europa mais avançada.

A todos devemos a grandeza do PSD: aos Presidentes e Secretários-Gerais, a todos antigos e atuais diferentes dirigentes, deputados (à Assembleia da República, Parlamento Europeu e às Assembleias Legislativas Regionais), autarcas, a todas as estruturas autónomas – JSD, TSD, ASD –, ao PSD/Açores, PSD/Madeira, aos Governos Regionais, ao Instituto Francisco Sá Carneiro e, por fim, às bases – jovens e velhos, pequenos e médios empresários, empreendedores e funcionários públicos, agricultores, operários, comerciantes, meios intelectuais, culturais e artísticos e à classe média em geral.

Somos e continuaremos o partido mais português de Portugal, sem largarmos mão da convicção obstinada de Francisco Sá Carneiro: **“A democracia é difícil e exigente, mas dela não nos demitimos”.**

# Preparar os próximos 50 anos

Dizer que a história do nosso Partido se confunde com a história da democracia em Portugal é dizer pouco. A história do Partido Social Democrata moldou indelevelmente o rumo do nosso regime democrático ao longo dos seus 50 anos de existência. Conferiu-lhe o sinal de humanismo e de progresso económico e social que só uma visão social-democrata transporta. Direcionou-o decisivamente para o Estado social, para a economia social de mercado e para um modelo de sociedade livre, justa e equitativa.

Uma sociedade assente na igualdade de oportunidades e na valorização do mérito, independente-

mente da origem ou das condições de partida de cada um. Uma sociedade que valoriza a livre iniciativa sem nunca perder de vista a solidariedade. E que não deixa ninguém para trás.

Uma sociedade tolerante e promotora de consensos, no respeito pela diferença e na defesa intransigente da liberdade de expressão e do pluralismo.

Uma sociedade onde o Estado está ao serviço das pessoas, e não as pessoas ao serviço do Estado. Em que este é o garante do acesso a serviços públicos essenciais para todos e não apenas para alguns.

Uma sociedade moderna, aberta à Europa e ao mundo, de vocação atlântica.

Tudo isto defendemos. Por tudo isto lutámos. Sem o Partido Social Democrata Portugal não seria apenas diferente. Seria seguramente mais imperfeito e incompleto.

Como nenhum outro, o Partido Social Democrata coloca a pessoa, e a sua busca incessante pela realização e a felicidade, no centro da ação política. Assim nos ensinaram Francisco Sá Carneiro, Francisco Pinto Balsemão e Joaquim Magalhães Mota, fundadores do nosso Partido. Um país não se constrói sem pessoas, muito menos contra as pessoas, consideradas individualmente na sua dignidade, nas suas necessidades e aspirações. O bem comum não é uma construção abstrata. Concretiza-se em cada cidadão, materializa-se em cada um de nós.

Celebrar os 50 anos do Partido Social Democrata é evocar e trazer ao presente todos os homens e mulheres – militantes, simpatizantes, dirigentes – que ao longo do tempo engrandeceram o nosso Partido com a sua entrega, trabalho e exemplo. Todos aqueles que, servindo o Partido, serviram Portugal.

Os que foram a votos e ganharam e os que foram a votos e perderam. Os que nunca desistiram nem do ideal social-democrata, nem do país.

Todos aqueles que, investidos pelo voto democrático, cumpriram com honra, zelo e responsabilidade as funções públicas que o povo lhes confiou. Numa Assembleia de

Freguesia ou na Presidência da República. Entregando sempre a sua freguesia, o seu município ou o seu país em melhor estado do que aquele em que o receberam. A todos prestamos a nossa homenagem, a todos agradecemos, de todos nos orgulhamos.

Aos que cá estamos hoje, cabe-nos a difícil e nobre missão de preparar o Partido Social Democrata para os próximos 50 anos. Abrir caminho rumo ao centenário. É o legado que recebemos, é a responsabilidade que assumimos. O futuro do Partido Social Democrata faz-se todos os dias do equilíbrio entre experiência e renovação, entre firmeza de valores e flexibilidade de ação, entre identidade e evolução.

Um futuro que estamos já hoje a preparar. As mudanças que aprovamos em novembro último no âmbito da revisão estatutária projetam o nosso Partido para, nos próximos anos, ser ainda mais forte, unido e coeso.

Com cada vez mais transparência e compromisso ético. Com mais participação, mais abertura à sociedade, mais independentes. Com mais simplicidade, justiça e eficiência nos procedimentos internos. Com mais paridade de género, até esbatermos completamente as diferenças de representatividade entre homens e mulheres nos órgãos e estruturas do Partido. E com mais jovens. Porque o futuro é renovação, é mudança, são novas formas de ver e compreender o mundo. Dando-lhes espaço para crescer, ferramentas para se prepararem e qualificarem. Não apenas para renovarmos os nossos quadros com sangue novo, mas sobretudo para que Portugal possa contar com uma social-democracia rejuvenescida e robustecida nos anos vindouros.

Tal como os que estavam a iniciar o Partido há cinquenta anos, hoje também não podemos saber o que contar do futuro. Mas como eles, sabemos que o futuro conta conosco. Abraçamo-lo com confiança e esperança.



Luís Montenegro | Presidente do PSD

# O “Povo Livre” e a Democracia em Portugal

O “Povo Livre, cuja publicação se iniciou no dia 13 de agosto de 1974, foi e é o órgão oficial do Partido Popular Democrático (PPD) – hoje Partido Social Democrata (PSD) – fundado, em 6 de maio, por Francisco Sá Carneiro, Francisco Pinto Balsemão e Joaquim Magalhães Mota. O jornal teve como diretor, a partir de setembro desse ano, Rui Machete.

Com o “Povo Livre” era sempre distribuído o jornal oficial da Juventude Social Democrata, intitulado

\* para dar a conhecer a implantação e o sucessivo alargamento geográfico do Partido, incluindo às comunidades emigrantes em quase todo o mundo. Noticiava as sessões de esclarecimento e os comícios que se realizavam em todo o país, bem como as adesões de personalidades com passado antifascista que se reconheciam nos valores e causas do PPD, como Nuno Rodrigues dos Santos, Emídio Guerreiro, Artur Santos Silva, Cunha Leal, Olívio França, Aresta Branco e José Augusto Seabra, entre muitos outros.

\* para divulgação dos valores, ideias, propostas, decisões e ações dos órgãos nacionais, regionais e locais do Partido, além de artigos de formação ideológica, história de Portugal, da democracia e da social-democracia europeia, em especial na Alemanha, na Suécia e noutros países do Norte do nosso continente. Um desses artigos conta a origem das três setas consagradas no símbolo do PSD.

\* por constituir um veículo de comunicação entre os órgãos do Partido, os militantes e os eleitores, divulgando a agenda das suas atividades, nomeadamente Congressos e Conselhos Nacionais, bem como eleições e tomadas de posição dos órgãos nacionais, regionais,

“Pelo Socialismo”. Tinha direção própria, total autonomia editorial e focava-se na mobilização dos mais novos para os direitos humanos e para a construção da Democracia. Foi seu diretor histórico Guilherme d’Oliveira Martins, mais tarde diretor interino do “Povo Livre”.

Completando-se agora os 50 anos da publicação do “Povo Livre”, deve ser reafirmada a extrema importância política que alcançou. Foi um instrumento fundamental:

distritais e locais. Deste modo, se foi consolidando a democracia interna do PSD e, ao mesmo tempo, a afirmação da doutrina social-democrata para Portugal, pensando sempre “mais nas pessoas que na organização”, como Sá Carneiro pretendia.



Pedro Roseta | Diretor do Povo Livre entre 15/12/1975 e 24/11/1976, 01/03/1978 e 25/07/1979

Há que sublinhar a importância do esclarecimento dos cidadãos num tempo agitado de grande transformação nacional, em que a liberdade de informação era restrita, sobretudo, nos meios de comunicação estatais. Só havia televisão pública e a maioria da imprensa, sobretudo

depois do 11 de março de 1975, era dominada por gente afeta ao PCP e à extrema-esquerda. Através de artigos de opinião e formação política acessíveis a camadas populares, que durante a ditadura estavam privadas desse tipo de informação, o jornal desenvolvia uma importante

“O Povo Livre tem sido um poderoso e dinâmico instrumento e deve sê-lo cada vez mais.”

Francisco Sá Carneiro



Sede do PP | 24 de maio



...s, amanhã seremos milhões

ação pedagógica, dando conta de estudos sobre os grandes problemas nacionais e as propostas para os resolver.

Além de chegar aos militantes e simpatizantes, o “Povo Livre” tinha uma projeção alargada e era citado frequentemente por meios de comunicação portugueses e estrangeiros.

É da mais elementar justiça recordar aqui a dedicação de dois homens que ajudaram a construir e afirmar o “Povo Livre”: o jornalista João Cordeiro Pereira, inesquecível chefe de redação, culto, competente e um modelo de serenidade mesmo nos momentos mais difíceis; e Augusto Cid, talentoso cartoonista mordaz que tão bem exprimia o sentido crítico do povo.

Por tudo isto, o “Povo Livre” deu um contributo amplamente reconhecido para a consolidação da nossa Democracia, no respeito pela liberdade e pela verdade dos factos.



Março 1976

Anibal Cavaco Silva | Açores, Junho 1987

## Os grandes temas e os momentos importantes da vida nacional

Ao longo dos anos, o “Povo Livre” noticiou e refletiu sobre os grandes desafios da jovem Democracia portuguesa:

- \* A descolonização e a situação dos retornados das ex-colónias a partir de 1974;
- \* O objetivo da integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia, destacando-se a primeira visita de Sá Carneiro à sede das instituições europeias logo em setembro de 1974;
- \* O 1.º Congresso Nacional, em novembro de 1974, com a primeira eleição dos órgãos nacionais e a aprovação do programa do Partido;
- \* A luta contra a unicidade sindical, em que os sociais-democratas se empenharam, com o PS e outros democratas, para garantir a liberdade dos trabalhadores. Salien-

taram-se então Mário Pinto e os membros da Tendência Sindical Reformista Social Democrata (TE-SIRESD);

- \* As eleições para a Assembleia Constituinte, primeiras eleições livres em Portugal, e as corajosas e pertinentes intervenções dos deputados do nosso Partido;
- \* No 11 de Março e durante o “verão quente” de 1975, a resistência às forças antidemocráticas e a crítica ao primeiro Pacto MFA-Partidos e aos muito graves entorses à Democracia que continha;
- \* O 25 de Novembro de 1975, que marcou o fim do processo revolucionário e o triunfo das forças democráticas militares e civis, abrindo a possibilidade de assinatura do segundo Pacto MFA-Partidos, que veio permitir a consagração cons-

titucional da democracia pluralista;

- \* O reconhecimento pioneiro da autonomia regional dos Açores e Madeira na lei fundamental, com empenhamento de todo o Partido, com grande destaque para João Bosco Mota Amaral, Alberto João Jardim e todos os militantes dos arquipélagos atlânticos;
- \* A institucionalização do poder local democrático e as primeiras eleições dos órgãos dos municípios e freguesias em dezembro de 1976;
- \* A adesão de Portugal, em setembro desse ano, ao Conselho da Europa, organização de que só podem ser membros Estados democráticos respeitadores dos direitos humanos;
- \* A assinatura por Portugal, no âmbito das Nações Unidas, do Pacto Internacional sobre os Direitos Eco-

nómicos, Sociais e Culturais e do Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos;

- \* As propostas de Francisco Sá Carneiro para a primeira revisão da Constituição, visando acabar com a tutela do Conselho da Revolução e melhorar os artigos sobre certos direitos humanos e sobre o funcionamento do sistema de governo;
- \* Já em 1978, o apoio à resistência timorense em que se destacou, entre outros, Ângelo Correia.

**Ao longo de todos estes anos, o “Povo Livre” publicou diversos textos sobre a Cultura portuguesa escritos por deputados, dirigentes, militantes e autores reconhecidos, entre os quais, a prestigiada escritora Natália Correia.**



## Os valores afirmados no “Povo Livre” continuam atuais

Os valores defendidos desde o início pelo jornal oficial do PSD mantêm a sua importância e atualidade no tempo presente:

- \* O primado das pessoas, dos seus direitos e liberdades, inspirado na filosofia do personalismo cristão.
- \* A liberdade, a solidariedade, a igualdade de direitos e oportunidades e a justiça como condições essenciais numa sociedade de todos, assente em princípios civilizacionais.
- \* A afirmação permanente da Democracia política, económica, social e cultural.
- \* A luta pela resolução dos proble-

mas ambientais e ecológicos que põem em causa a vida e a saúde das pessoas e a própria sobrevivência da vida no planeta.

- \* A economia social de mercado, com liberdade de iniciativa económica e tendo em vista aumentar a qualidade de vida de toda a população, através da criação e justa distribuição de riqueza e do combate às desigualdades.
- \* A consolidação e aprofundamento da Democracia, que exigem diálogo e colaboração entre os partidos democráticos, apesar das suas diferenças, colocando sempre o bem comum acima das perspetivas e interesses partidários.

## O meu testemunho como diretor do “Povo Livre”

Dos dois períodos em que exerci as funções de diretor do “Povo Livre”, realço apenas os seguintes factos:

- A criação de um espaço permanente, designado “Perspectivas”, aberto em todos os números publicados e destinado a receber artigos e outros textos da iniciativa livre dos militantes e de outros leitores do jornal. Este espaço incentivou o conhecimento e a participação na discussão dos mais variados temas.
- O debate em Portugal pela consagração da liberdade de ensino, que não tinha sido contemplada na primeira redação da Constituição. Vários deputados do PSD transportaram-no para as páginas do “Povo Livre”, acrescentando análises críticas do sistema educativo português.
- A opinião de sindicalistas membros dos TSD e da TESIRESD que consolidou a afirmação da liberdade sindical e das soluções social-democratas para os problemas do trabalho e do emprego.
- A revisão da Carta Social Europeia no Conselho da Europa.
- A constituição do Secretariado das Mulheres Portuguesas Social Democratas e o seu papel fundamental no debate e propostas da agenda da condição feminina, estimulando a cada vez maior participação de mulheres nos órgãos partidários e como candidatas aos vários cargos eletivos do País.

## Palavras finais

Ao longo do meu percurso como diretor do “Povo Livre”, pude deixar claro que nenhuma doutrina ou projeto político pode abarcar toda a realidade.

Daí a defesa da necessidade de um acordo entre as forças políticas democráticas portuguesas, ideia lançada por Francisco Sá Carneiro a partir de uma intervenção reproduzida no “Povo Livre”, em 29 de setembro de 1976. Só um grande bloco eleitoral e social poderia garantir a estabilidade e a resolução duradoura da maior parte dos problemas nacionais. Já meses antes, Sá Carneiro tinha afirmado que, para o PSD, a democracia é mais importante do que qualquer objetivo do próprio Partido. A sua salvaguarda, bem como dos direitos e do bem-estar das pessoas, é uma prioridade que pode exigir a nossa

colaboração leal com os partidos democráticos ainda que ideologicamente diferentes. A finalidade da política transmitida no “Povo Livre” é prosseguir, sem parar, na libertação da pessoa humana de todas as formas de alienação, opressão e degradação que a reduzem à condição de objeto. A nossa ideologia de raiz personalista exige que todos, homens, mulheres e crianças, gozem dos pressupostos necessários para o pleno desenvolvimento da sua personalidade e para que possam, em solidariedade, assumir o papel de autores e sujeitos da sua própria história.

O “Povo Livre” recordou várias vezes a necessidade da criação de um grande bloco eleitoral e social para fazer sair o País das crises intermitentes. Foi assim que Sá Carneiro, em 1979, propôs e os

militantes apoiaram uma convergência com várias forças políticas democráticas, à qual o PS não aderiu. Dessa convergência nasceu a Aliança Democrática, com o PSD, o CDS de Freitas do Amaral e Amaro da Costa, o PPM de Gonçalo Ribeiro Telles e os Reformadores, que tinham sido membros prestigiados do PS (António Barreto, José Medeiros Ferreira e Francisco Sousa Tavares, entre outros). Francisco Pinto Balsemão também viria mais tarde a ser dirigente da AD. Esta coligação deu frutos, permitindo, depois de uma vitória eleitoral com maioria absoluta, a formação do primeiro Governo da AD.

Portugal sofria e ainda sofre de uma degradação do debate político binário e maniqueísta, que sobrealimenta a competição pelo poder, esquecendo que não é possível viver

nem governar sociedades complexas sem cooperação alargada.

O “Povo Livre” apoiou sempre a cooperação interpartidária que prosseguiu nas revisões constitucionais de 1982, 1989 e seguintes. Outros momentos de cooperação tiveram lugar, permitindo resolver crises de extrema gravidade, como a coligação PS-PSD entre 1983 e 1985. Igualmente importante foi a convergência na adesão às Comunidades Europeias e, mais tarde, já na década de 1990, nas negociações do acesso de Portugal à moeda única.

Estou certo de que o “Povo Livre” vai continuar, sob a orientação dos dirigentes nacionais do PSD, a contribuir para o esclarecimento das melhores formas de respeitar o primado absoluto das pessoas e procurar resolver os problemas da atualidade e do futuro.

# Viva o PSD: o de hoje e o de amanhã!



Hugo Soares | Secretário-Geral do PSD  
e Presidente do Grupo Parlamentar do PSD

Ser o Secretário-Geral no ano em que o Partido faz meio século de existência é viver entre dois mundos. O mundo das emoções fortes e o mundo da responsabilidade.

As emoções trazem os afetos e as memórias. Vejo passar diante dos olhos o filme dos bons e dos maus momentos. Os desafios, as vitórias, as dificuldades. E pessoas, muitas pessoas. As que engrandeceram esta casa, as que a lei da vida nos roubou.

As emoções têm-me feito meditar no Partido que temos sido.

Do outro lado está a responsabilidade, que me obriga olhar para o Partido que podemos ser.

A responsabilidade de dotar o PSD de meios materiais e humanos que nos permitam servir cada vez melhor Portugal. A responsabilidade

de dar a quem está no governo, no parlamento, na Europa, nas regiões autónomas e nas autarquias a rede essencial para que tudo corra bem.

É nesse equilíbrio entre emoções e responsabilidades, sentimentos e pragmatismo, que vivi os últimos meses. Com os secretários-gerais adjuntos e os funcionários do Partido ao meu lado, tendo em cima da mesa uma reflexão fundamental: preparar o PSD para os próximos cinquenta anos.

As recentes eleições legislativas, inesperadas, estiveram longe de prejudicar esse esforço de reflexão. Na verdade, até nos ajudaram a perceber que estávamos no bom caminho. Não o digo apenas pela vitória, mas sobretudo porque o programa eleitoral e os candidatos que submetemos aos portugueses

foram fruto de um intenso trabalho que estava a ser feito de ativação da militância e de atração da sociedade civil.

Soubemos trazer os melhores para o Conselho Estratégico Nacional, companheiros e independentes. Essa conjugação de capital humano refletiu-se no projeto do Partido para Portugal

Aliás, o próprio elenco governativo e a lista para as eleições europeias mostram que o PSD se preparou para essas responsabilidades.

Preparar o Partido para o futuro significa também evolução tecnológica, com vista a capacitar a nossa militância e os serviços centrais. Uma das grandes novidades – a possibilidade de voto eletrónico – pioneira no universo partidário nacional, foi aberta pelos novos Es-

tatutos e está neste momento em estudo. Temos vindo a renovar site, criámos a nova área do simpatizante na “app” dos militantes e temos agora uma “app” melhorada para gestão de listagens e órgãos. Sem esquecer o Povo Livre em formato 100% digital.

Também a sede se prepara para um novo tempo: com auditório, espaço multiusos, restauração, mediateca, biblioteca e “co-working”. No fundo, melhores condições para funcionários, dirigentes, militantes e sociedade civil.

Sabemos o que fizemos de bem e menos bem até aqui. Não sabemos o que o futuro nos reserva, mas uma coisa será certa: estamos preparados!

**Viva o PSD: o de hoje e o de amanhã!**

# “Povo Livre”: condição e futuro

A saga da construção dos partidos políticos em Portugal foi entusiasmante.

Na sua grande maioria, os cidadãos sabiam o que não queriam, mas tinham uma grande incerteza na escolha do que verdadeiramente desejavam como modelo ideológico para o seu País.

Por isso, era importante chamar a colaborar todos quantos tinham escolhido já e demonstravam capacidade para partilhar a sua escolha com outros. Como? Da forma possível. Nas reuniões de militância, nos contactos com o povo recorrendo às sessões de esclarecimento ou à saída das missas, nos debates públicos, menos possíveis e, por isso, mais difíceis.

Tendo como pano de fundo uma comunicação social pública dominada por um sector ideológico que tudo fazia para que a solução a seguir fosse de sinal contrário ao antigo regime, mas única e excludente e persecutória também.

A história do PSD é um manancial de tentativas de superar os obstáculos, de dar a conhecer ideias, de densificar uma opção, de promover a ação política.

A leitura de livros considerados fundamentais era a primeira opção que se completava com a comparação de caminhos e a aprendizagem da história.

Um partido nascido assim precisava de encontrar um modo de se

dirigir aos eleitores, de explicar as suas razões, de publicitar as suas iniciativas, de dar a sua própria visão das coisas, de esclarecer quanto acontecia, de construir e oferecer argumentos para a luta do dia a dia.

Fundamental era que o povo fosse livre e tivesse oportunidade de escolher o modo de viver essa mesma liberdade.

O nome do nosso jornal, nascido há cinquenta anos, não podia nem devia ter sido outro. O “Povo Livre” era condição e futuro.

Quando assim recuamos no tempo, recordamos a ansiedade com que era esperado cada número e o modo como se discutia o seu conteúdo.

A sua existência e função eram um modo de nos darmos conta de ele ser uma força em crescimento, uma palavra ouvida e respeitada, um elo entre todos nós, uma bandeira.

Com o passar do tempo, a comunicação social em Portugal foi-se modificando,

tornando-se mais plural e aberta, livre de tutelas, substituindo a prevalência do público pela multiplicação das iniciativas privadas em todos os sectores.

Da imprensa à rádio e à televisão floriu também o princípio da liberdade.

O PSD foi, entretanto, oposição e poder, esteve na base das principais modificações nascidas e o



Carlos Encarnação | Diretor do Povo Livre  
entre 22/03/1995 e 14/05/1997

nosso jornal foi um esteio da documentação das nossas opções.

Entretanto, os hábitos de leitura foram-se modificando.

Os jornais resistem, hoje, com crescente dificuldade ao crescimento da simplificação da informação, da rapidez com que ela se deseja, da primazia da imagem, da nova escrita sincopada em mensagens, do direito à intervenção própria em redes sociais.

O mundo é outro.

Hoje um projeto como foi o do “Povo Livre” exige capacidade de inovação, de compreensão dos novos tempos, de encontrar uma fórmula para que a ligação entre todos nós se não perca.

Recordo-me de ter sido Diretor num tempo de acentuação da transição e experimentei essa dificuldade.

Tinha disso perfeita consciência quando o Fernando Nogueira me convidou. Essa foi uma época de luta política intensa e tentei que o jornal nela participasse com coragem.

Dei o meu contributo.

**Foi uma honra ter sido Diretor do “Povo Livre”.**

# Temos de voltar a chamar os portugueses

Olhar para os 50 anos do PSD é falar de pluralidade. De diversidade.

O PSD sempre se afirmou com um grande partido. Foi o PSD que liderou a criação das Regiões Autónomas. Foi o PSD que ganhou as primeiras eleições regionais. Foi o PSD que teve a primeira maioria absoluta no nosso país.

Mas o PSD nunca foi um partido de linhagem. Pelo contrário.

O PSD sempre foi um partido do país inteiro. Onde um burguês do Porto coexistia com um republicano de Lisboa. Um latifundiário do Alentejo coexistia com um pequeno empresário do Norte. As pessoas coabitavam umas com as outras e discutiam as suas diferenças.

Participar numa reunião do PSD sempre foi ver as pessoas tratadas como iguais. Onde um ex-ministro tinha o mesmo tempo para falar que um comerciante. Onde um ex-deputado era ouvido com a mesma atenção que um operário.

Aquilo que os cientistas políticos traduziram para interclassismo, no PSD chamamos social-democracia.

O PSD cresceu e implementou-se identificado com todos os portugueses. Sempre teve capacidade de atração. Sempre teve espírito de integração. Este é o nosso maior ativo.

50 anos depois, temos de recuperar essa capacidade. 50 anos depois, temos de voltar a chamar as pes-

soas. 50 anos depois, precisamos de reformar o partido.

Sempre fomos um partido reformista. Fizemo-lo no país e devemos pensar também na reforma que o partido precisa. Precisamos das pessoas e o país exige um PSD diferente, mais moderno e mais atuante.

A recente revisão estatutária ajudou a modernizar a nossa estrutura. Mas é preciso dinamizá-la. Adotar uma forma de estar ainda mais próxima dos portugueses. Repensar o paradigma organizacional e permitir que os seus militantes se organizem não apenas com base em critérios geográficos, mas também por temas, causas ou setores.

Refletir, cada vez mais, as preocupações dos portugueses.

O debate de ideias no PSD tem de cruzar as fronteiras do partido. Precisamos de encontrar novos fóruns de partilha entre a estrutura e a sociedade civil.

O nosso Conselho Estratégico Nacional e também o Instituto Francisco Sá Carneiro poderão fazer esta ligação através de convenções nacionais temáticas em que juntaremos militantes e simpatizantes aos principais atores das grandes áreas de governação.

Mas temos também de repensar a forma como lidamos com os mais jovens que já não querem, apenas, estar arrumados em juventudes partidárias. Querem partidos jo-

vens. Com coragem de arriscar, sem medo de assumirem o que está mal e com vontade de fazer diferente.

Estas ideias não são novas. Já foram defendidas por vários militantes e candidatos à liderança do partido. Não se trata de retoques nem remendos. É pôr em causa as ideias de sempre e encontrar novas bandeiras. Não temos de refundar-nos, mas devemos reinventar-nos.

E este é o momento para o fazer. Exatamente por estarmos no Governo. É o PSD que trabalha todos os dias para resolver os problemas do país. É o PSD que pensa nas melhores formas de o fazer. É o PSD que as propõe. É o PSD que as executa. Por isso, reformar o partido nunca será olhar para dentro. É

olhar para fora e ir ao encontro dos portugueses.

Convivemos, hoje, com partidos que, com maior ou menor expressão, têm ocupado a nossa área política e eleitoral. Desvalorizar esse facto é ignorar os sinais que, todos os dias, vão sendo dados. E o que o PSD precisa é de ouvir e de acolher. De atrair e de integrar.

Olhar para os 50 anos do PSD é olhar para a nossa história. De pluralidade. De diversidade. Mas é também perspetivar o futuro. É sentir, de novo, a necessidade e a urgência de um partido como o PSD.

É difícil? Claro que sim. Mas como disse Francisco Sá Carneiro: "a Democracia é difícil e exigente, mas dela não nos demitimos".



José Pedro Aguiar-Branco | Presidente da Assembleia da República

# Uma história democrática

O título do jornal é bem revelador do grito de liberdade de expressão que o povo português estava ansioso por dar. O "Povo Livre" chegava a casa dos militantes via correio e era lido de fio a pavio numa época em que a imprensa era exclusivamente pública. Raras exceções confirmavam a regra. O seu contributo para se escrever a história do país pós 25 de Abril está ainda por explorar. Marcou gerações de militantes do PSD. Notícias, artigos e reportagens sobre a atividade do partido ajudavam a esclarecer e a mobilizar cidadãos em prol da causa social-democrata.

Mas o "Povo Livre" não era só um jornal partidário. Era mais um companheiro. Um companheiro amigo e informado. Um cúmplice por quem se tinha um carinho particular. Uma companhia que nos dava ânimo. Um parceiro que fortalecia o nosso argumentário, as nossas opiniões e opções. Cumpriu com nobreza o

seu papel na afirmação nacional do nosso Partido. Na implantação em todo o território dos ideais de uma democracia com fortes preocupações sociais e incentivadora do empreendedorismo. Transversal a diversas gerações, socialmente inclusivo, o PSD teve sempre no "Povo Livre" a sua voz escrita, um dos seus principais instrumentos de divulgação de mensagem, o eco do seu trabalho político. A história do Partido é também a história do jornal. Fui diretor do "Povo Livre", em papel, com orgulho, dedicação e responsabilidade. É reconfortante olhar o jornal aos dias de hoje. Vivo. Atual e atuante. Cumprindo a sua missão. Honrando o seu passado.

Mudaram-se os tempos, mas a vontade do "Povo Livre" mantém-se robusta.

**Servir o Partido, os seus militantes, servir a democracia e contribuir para um Portugal mais justo e desenvolvido.**



*Luís Campos Ferreira | Diretor do Povo Livre  
entre 04/09/2002 e 06/04/2005*



# Os autarcas são a alma da social-democracia em Portugal



Pedro Pimpão | Presidente dos Autarcas Social Democratas

Começo, naturalmente, por dar os parabéns ao nosso PSD pelas cinco décadas de contributo decisivo para a consolidação de democracia portuguesa, considerando o papel determinante dos seus eleitos, nas diversas frentes locais, regionais, nacionais e internacionais, para o progresso do nosso país como um todo.

Felicito o Povo Livre, por todos estes anos de atividade e resiliência, considerando uma honra poder participar nesta edição especial comemorativa do seu cinquentenário.

Enquanto Presidente da Comissão Política Nacional dos Autarcas Social Democratas, sei bem da responsabilidade acrescida que recai sobre os nossos ombros nos próximos tempos, mas também tenho perfeita noção do histórico associado à importância do poder local no desenvolvimento integrado do nosso território e sei que o PSD tem

muito orgulho nos seus autarcas, pelo que, vamos continuar a trilhar este caminho lado a lado, com foco na valorização do trabalho e do papel dos nossos autarcas.

Confesso-vos que sinto uma enorme honra ao assumir estas funções.

Tenho, neste momento, 44 anos de vida e sou autarca orgulhosamente eleito pelo PSD, ininterruptamente, há 23 anos, pelo que o meu percurso de intervenção cívica e cidadania ativa está indissolúvelmente ligado ao nosso Partido, idealizado por Sá Carneiro como o instrumento ao dispor dos cidadãos bons de cada terra para promoção do desenvolvimento das suas comunidades, assumindo, ainda hoje, os autarcas do PSD uma preponderância indelével na disseminação e implementação do PPD/PSD por todo o nosso país.

Comecei a exercer funções autárquicas em 2001, quando fui eleito

na Assembleia Freguesia de Pombal, a minha terra natal. Naquela altura, ia no último lugar elegível da lista se ganhássemos e a verdade é que acabei por ser eleito, já que ganhámos a Junta de Freguesia que na altura era liderada pelo Partido Socialista.

Em 2005 fui eleito para Assembleia Municipal de Pombal, onde acabaria por ser eleito também para a Assembleia Intermunicipal da Região de Leiria.

Em 2009, o então Presidente da Câmara Municipal de Pombal, Eng<sup>o</sup> Narciso Mota convidou-me para integrar a lista à Câmara Municipal de Pombal, em sétimo lugar. Sendo que o executivo era composto por nove membros, dificilmente era um lugar elegível mas a verdade é que, fruto da vitória expressiva do PSD no concelho, acabei por ser eleito e desempenhar as funções de Vereador.

Ainda no campo autárquico, em 2013 fui desafiado para ser candidato a Presidente da Assembleia de Freguesia de Pombal e aí fui eu, sendo a Junta de Freguesia de Pombal liderada na altura pelo histórico militante local Nascimento Lopes.

Em 2017, num momento político especialmente tenso em Pombal, assumi o desafio de ser candidato a Presidente da Junta de Freguesia de Pombal e foi uma enorme honra ter servido a minha terra natal enquanto autarca de freguesia, nomeadamente, num contexto como o que tivemos com a pandemia que assolou o nosso país e o mundo.

Desde 2021, como sabem, sou Presidente da Câmara Municipal de Pombal, função que desempenho com muita honra e com o apoio

de uma equipa extraordinária na Câmara e nas Juntas de Freguesia, servindo uma comunidade dinâmica, empreendedora e solidária.

Confesso-vos que, com um percurso ligado às autarquias, a esta genuína relação de proximidade que temos com as pessoas e com o território, assumo esta missão que me confiaram com muito orgulho, humildade e entusiasmo.

Não posso deixar de partilhar uma palavra de reconhecimento e agradecimento a todos os autarcas do nosso país e, neste contexto, em particular aos nossos autarcas do PSD: Cidadãos, homens e mulheres, mais velhos ou mais novos, que tomaram a decisão de se dedicarem aos seus territórios e populações para cumprirem uma missão, sujeitos a um escrutínio permanente, prescindindo de uma vida tranquila, do conforto dos seus lares por acreditarem numa causa.

Estes homens e mulheres são merecedores da nossa gratidão, admiração e respeito por assumirem a missão de serviço público abnegado em prol do desenvolvimento do país como um todo.

Obrigado a todos os eleitos locais do PSD pela vossa dedicação e contem com o meu humilde contributo para juntos continuarmos a valorizar o trabalho dos autarcas em Portugal, porque somos nós, em cada um dos nossos territórios, com pequenas mudanças locais que contribuimos para a grande mudança global em prol do progresso e bem-estar das pessoas que servimos com total entrega e paixão.

**Viva o PSD. Viva Portugal!**

# Ser autarca social-democrata

Ser autarca é estar próximo das pessoas, é saber ouvir, é saber comunicar, é saber dizer sim e também saber dizer não, é ter de decidir rápido, é resolver os verdadeiros problemas das comunidades.

Por ocasião da celebração dos 50 anos da democracia, que coincide com as comemorações do cinquentenário de um dos partidos que a fundou e suportou (o nosso PPD/PSD), é tempo de refletir sobre o papel dos autarcas.

Em primeiro lugar, considero que podemos assumir, sem margem para dúvida, que o Poder Local foi uma das maiores conquistas da nossa democracia e que, nessa conquista, o PPD/PSD exerceu um contributo fulcral.

Em segundo lugar, permitam-me assumir, perante vós, que os autarcas, de Câmara Municipal, de Assembleia Municipal, de Junta e Assembleia de Freguesia sempre foram, são e serão o principal pilar de fundação e de sustentação do nosso PPD/PPD.

O Partido considerou, e bem, que deveria existir uma estrutura interna, que pudesse ser representativa dos militantes eleitos e em exercício de funções nos órgãos das autarquias locais, que designou por Autarcas Social Democratas (ASD).

Ora, os ASD têm um papel importante na articulação entre os mais de 13 mil eleitos locais e o PSD, assim como na representação dos nossos autarcas nas diferentes as-

sociações e organismos nacionais (Associação Nacional de Municípios Portugueses, Associação Nacional de Assembleias Municipais, Associação Nacional de Freguesias) e internacionais (Comité das Regiões, Câmara dos Poderes Locais e outros).

Além disso, os ASD apoiam diariamente os nossos autarcas, através do esclarecimento de dúvidas técnicas e políticas, bem como divulgam nova legislação e auscultam as bases, quando somos chamados a dar parecer sobre novas propostas legislativas.

Nestes 50 anos de atividade, os Autarcas Social Democratas orgulham-se do trabalho que têm desenvolvido nas suas autarquias, em prol do bem-estar e da qualidade de vida das populações que têm servido, fazendo destes órgãos do Poder Local os motores principais de desenvolvimento do país.

Desde as infraestruturas básicas (água e saneamento), passando pela mobilidade (estradas e caminhos), pelo ambiente (resíduos e espaços verdes), pela educação (escolas, pessoal técnico e auxiliar e comunidade educativa), pela cultura (nas suas diferentes vertentes), pela segurança (proteção civil, bombeiros e apoio às forças de segurança), pela saúde (Centros de Saúde e pessoal auxiliar) e até pela área social (apoio social direto e apoio indireto a Instituições Particulares de Solidariedade Social),

são muitos e bons os exemplos da imprescindibilidade dos serviços que as autarquias foram assumindo nas últimas cinco décadas.

No entanto, é inevitável constatar que, nestes 50 anos de Poder Local democrático, o Estado Central sempre tem olhado para os autarcas como políticos de segunda, o que tem levado a que as tensões entre o Governo Local e o Central tenham sido uma constante, ainda que, nas últimas décadas, as assimetrias tenham vindo a diminuir e a cooperação tenha vindo a ser ampliada.

Todos os Governos, independentemente da sua base política, têm assumido, pelas evidências e pelos resultados apresentados pelos autarcas, que a descentralização é um caminho necessário e virtuoso, pois os eleitos locais fazem melhor, mais barato e mais rápido.

Em termos pessoais, nestes quase 40 anos que registo de vida profes-

sional ativa, os últimos 20 anos de serviço autárquico têm sido, sem qualquer dúvida, dos mais gratificantes da minha vida.

Aprendi que se pode ser muito feliz sendo autarca, independentemente do cargo ou da função que se desempenha. Aprendi que devemos ser uma só equipa, nas Juntas de Freguesia, na Câmara Municipal e na Assembleia Municipal. E aprendi que, se assim for, o resultado final – que é o que importa para as pessoas que servimos – é muito melhor!

Ser autarca é estar próximo das pessoas, é saber ouvir, é saber comunicar, é saber dizer sim e também saber dizer não, é ter de decidir rápido, é resolver os verdadeiros problemas das comunidades.

Ser autarca do PPD/PSD é uma oportunidade. Mais, é um orgulho!

**Obrigado e parabéns ao PPD/PSD!**



Helder Sousa Silva | Ex-Presidente dos ASD\*

*\*Em maio de 2024, por ocasião dos 50 anos do PSD, Helder Sousa Silva era líder dos ASD, razão pela qual publicamos o presente artigo*

# Livre como “Povo Livre”

Na instalação “A palavra” de Nuno Nunes-Ferreira, numa pequena sala do Convento de S. Francisco em Coimbra, reencontro o “Povo Livre” na parede rodeado pelos jornais “Bandeira Vermelha”, “Revolução” ou “Esquerda Socialista”. A evocação artística da crise académica que madrugou Abril – “peço licença à mesa para falar”, diria Alberto Martins em 1969, perante o Presidente Américo Tomás – faz-se em torno das mil palavras reprimidas e do frenesim revolucionário de mil vozes que se lhe seguiu.

Espantoso rever a capa do “Povo Livre” nessa exposição: “O programa do MFA impõe a liberdade sindical”, “Em defesa da liberdade e da democracia”, “A Social-democracia para Portugal”. Nada a esconder. Desde a sua génese, o “Povo Livre” assume a sua vocação intrínseca e autêntica – reduto da social-democracia como refúgio da liberdade

política, social e cultural em Portugal.

Sim, o “Povo Livre” é um refúgio de liberdade. Um jornal militante não deve menos à verdade jornalística ou à objetividade temática, mas não se esgota no jornalismo neutro ou sem causa. Dele se espera uma outra qualidade – a possibilidade de propor a dissonância senão mesmo a rutura em liberdade, sem receio da represália ideológica ou burocrática. No panorama democrático português atual, com os media fortemente condicionados pela agenda da esquerda “woke” e radical, o “Povo Livre” sobrevive na antítese do modismo superficial corrente que aniquila a proposta ideológica da social-democracia contemporânea. Por isso, sem espanto, basta ao “Povo Livre” cumprir a regularidade sã e essencial da sua (nossa) existência:



Nuno Freitas | Diretor do Povo Livre entre 19/06/2000 e 31/07/2002

**Se for a alma dos que trabalham por uma sociedade de mérito com igualdade de oportunidades;**

**Se for a alma dos mais frágeis e dos que aspiram mais para os seus pais e para os seus filhos;**

**Se for a alma dos que servem na freguesia e na polis sem proveito próprio;**

**Se for a alma dos que lutam na**

**arena política em favor da social-democracia;**

**Se for a alma do povo liberto dos amanhãs que cantam da esquerda coletivista;**

**Se for a alma da pessoa humana e da sua plena realização educacional, social, económica, cívica e cultural;**

Só isto. Livre como “Povo Livre”.

## Diretores do Povo Livre 1974–2024

Entre 13 de agosto de 1974 e 2024, o “Povo Livre” teve mais de duas dezenas de diretores, alguns dos quais ocuparam estas funções mais que uma vez. A todos eles devemos a existência e a grandeza da publicação oficial do Partido Social Democrata.

Manuel Alegria

Rui Machete

José Augusto Seabra

Pedro Roseta

Helena Roseta

Guilherme d’ Oliveira Martins

Maria Adelaide Paiva

José Silva Marques

Vítor Crespo

João Cordeiro Pereira

Manuel Pereira

Nascimento Rodrigues

Duarte Lima

José Pacheco Pereira

Carlos Encarnação

Maria Eduarda Azevedo

Diogo Vasconcelos

Nuno Freitas

Luís Campos Ferreira

José Luís Moreira da Silva

Jorge Neto

Miguel Santos

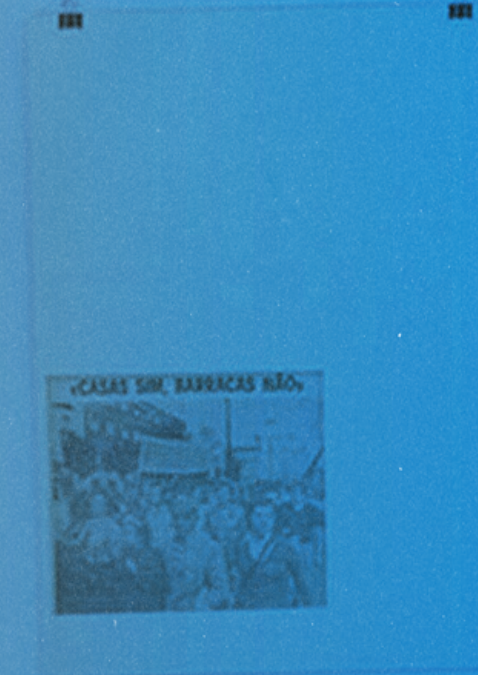
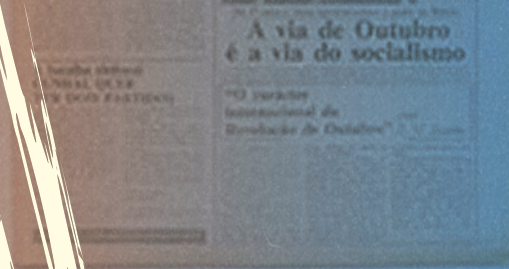
José Cancela Moura

Sofia Matos

Emília Santos (atual)

\*Inclui os interinos.





© Créditos fotográficos: João Neves, cortesia do Artista Nuno Nunes-Ferreira, publicado em "Umbigo Magazine"



**50** anos  
**PSD**

**6 de maio 1974-2024**







Pedro Roque | Secretário-Geral dos Trabalhadores Social Democratas (TSD)

# 50 anos de Partido Social Democrata e 40 anos de Trabalhadores Social Democratas

Em 2024, assinala-se uma dupla efeméride: aos 50 anos da fundação do PSD-Partido Social Democrata há que juntar os 40 anos da fundação dos TSD-Trabalhadores Social Democratas.

Embora se tenham constituído formalmente apenas uma década após o PSD, a componente sócio-laboral no seio do nosso Partido surge logo a si associada desde 1974, através da "TESIRESD - Tendência Sindical Reformista Social-Democrata da UGT" e dos "Secretariados das Secções Socio-Profissionais do PSD".

Todavia, apenas no dia 8 de janeiro de 1984 se procedeu à sua síntese. Nesta data reuniu, no Vimeiro, o 1.º Congresso dos TSD marcando o início formal desta estrutura especial estatutária do PSD. A criação dos Trabalhadores Social-Democratas, foi um gesto generoso de mulheres e homens, para quem os ideais da social-democracia e do sindicalismo livre e democrático se constituíram como forma participação cívica e atuação política dentro e fora do Partido Social Democrata.

A implantação dos TSD no movimento sindical é tradicionalmente

muito forte o que, aliada à característica interclassista do PSD, faz com que este se possa orgulhar de ser genuinamente um Partido de Trabalhadores. Nos TSD agregam-se, desde a sua génese em torno dos princípios da social-democracia, trabalhadores de todas as origens sociais. No PSD, a estes juntam-se empresários, comerciantes ou profissionais liberais.

É comum dizer-se que o PSD é o "Partido mais Português de Portugal". Não poderíamos estar mais de acordo. É o Partido a quem todos, da esquerda à direita, vaticinavam uma morte precoce, mas que, ao invés e ao longo destes seus 50 anos de existência, continua forte e pujante. Pode ser associado aos momentos de maior desenvolvimento e progresso económico social de Portugal. É um Partido moderado e reformista que defende o Estado de Direito, a Democracia e o Pluralismo, a Justiça Social e a afirmação da Sociedade Civil. É isso que o torna, efetivamente, social-democrata.

Entende a economia como instrumental. Ela não existe enquanto um fim em si mesmo, mas como modo de criar riqueza com vista à redis-

tribuição e a geração de bem-estar social. Por isso o PSD está não só associado à criação do Estado Social, mas também e sobretudo, à geração das condições económicas para a sua efetiva sustentabilidade.

Mas o PSD é também o "Partido do 25 de Abril". Nele teve a sua génese, no seu espírito desenvolveu a sua inspiração matricial social-democrata e no respeito pelos "Direitos, Liberdades e Garantias" cresceu e tornou-se num grande Partido, provavelmente o mais genuinamente português. Foi com o 25 de abril de 1974 e com a reafirmação do seu rumo democrático, a 25 de novembro de 1975, que os portugueses, em geral, e os trabalhadores, em particular, obtiveram a Liberdade e Democracia e viram reconhecidos um conjunto de direitos que antes lhes eram negados.

Pessoalmente, a minha ligação ao PSD vem da adolescência, no período da Aliança Democrática e no sempre difícil distrito de Setúbal. Recordo a campanha eleitoral vitoriosa de 1979 e ainda a morte de Sá Carneiro um ano após. Depois, a minha passagem pela JSD com

responsabilidades concelhias e associativas estudantis e da militância no Partido, efetuada na entrada da maioria. Anos volvidos, a minha entrada no mundo do trabalho e no movimento sindical afeto à UGT, levaram-me até à estrutura laboral dos TSD – Trabalhadores Social Democratas sem adivinhar que a liderança um dia.

Considero assim que os TSD representam uma componente incontornável do caráter interclassista do Partido. Ela é o reflexo natural da forte adesão popular que o transformaram o PSD no maior partido português.

Nesta efeméride, que se comemora a 6 de maio por ocasião dos seus 50 anos venho em nome dos TSD saudar todos os fundadores e os militantes que, ao longo do tempo, souberam imprimir este cunho de modernidade e de indispensabilidade do PSD perante a sociedade portuguesa na certeza de que hoje, tal como no passado, Portugal encara o PSD como uma força política vital e incontornável para o seu desenvolvimento.

# O “Povo Livre” na Era Digital



José Luís Moreira da Silva | Diretor do Povo Livre entre 13/04/2005 e 10/10/2007

Quando em abril de 2005 fui indigido diretor do “Povo Livre” as edições eram ainda em papel, o que para hoje é difícil de entender. Obviamente que os custos cada vez maiores e as diminutas receitas impossibilitavam a sua manutenção, mas a principal razão foi a entrada no mundo digital, com outra enorme capacidade de divulgação. Logo após a transição digital ficou evidente que a aposta era um sucesso. Em finais de julho de 2006 o “Povo Livre” publicava a sua última edição em papel. Foram 1.468 números em papel. Em setembro de 2006, o “Povo Livre” passou a digital. Fica para a história!

Esta foi a maior transformação estrutural do “Povo Livre” ao longo da sua grande história, que tive a honra de acompanhar no meu mandato e de propor logo em Memorando de abril de 2005 enviado à Comissão Política Nacional.

Mas o “Povo Livre” também precisava de mudar os seus conteúdos, voltando às suas origens de participação e debate dos militantes. Como na altura escrevi no meu primeiro editorial, de 20 de abril de 2005, *“O POVO LIVRE só tem sentido se trazer ideias novas, se trazer*

*debate e participação, se chegar a tempo aos Militantes.”* Foi isso que sempre tentei, dando a voz aos militantes, promovendo o debate interno. Como também referi um ano depois, em abril de 2006, *“Nas páginas do Povo Livre passa e fica a História do PSD, os seus grandes momentos e aqueles menos bons, que sempre há.”* Foi com essa consciência de missão ao Partido que assumi funções durante cerca de dois anos e meio, até outubro de 2007.

Na altura em que assumi funções, em 2005, o PSD passara para a Oposição, após a primeira vitória eleitoral do PS, com José Sócrates. Marques Mendes tinha sido eleito Presidente do PSD. Jorge Sampaio era Presidente da República em fim de segundo mandato.

Durante o meu mandato realizaram-se três eleições relevantes para o PSD, todas debatidas no “Povo Livre”. Já no final de 2005, em outubro, o PSD havia de retomar as vitórias eleitorais, voltando a deter o maior número de presidências de câmaras municipais (158). Nos inícios de 2006, nas eleições presidenciais, Cavaco Silva seria eleito logo na primeira volta, para o seu primeiro mandato. Em maio de

2007, Alberto João Jardim voltava a renovar as suas vitórias na Região Autónoma da Madeira, apesar de toda a oposição feita pelo Governo de Sócrates.

Também foi, em 2006, que o PSD estabeleceu as eleições diretas para Presidente do Partido, no seu Congresso de março, tendo realizado a primeira eleição direta em maio seguinte. Um passo importante na democracia interna.

Tive a oportunidade de escrever 94 editoriais enquanto diretor, podendo ler-se neles o que de mais relevante foi acontecendo no País, quer as medidas que iam destruindo o País da autoria do Governo de Sócrates, quer as propostas que o PSD ia apresentando em alternativa, designadamente para a Justiça, para a Segurança Social e para um crescimento do País em números superiores à média europeia. Recordamos as discussões sobre o novo aeroporto na Ota (a margem sul era um deserto, na opinião socialista), sobre o comboio de alta velocidade, sobre as portagens nas SCUT, enfim temas ainda hoje bem

presentes, quase vinte anos passados, sintoma da estagnação do país sobre governos socialistas.

Ao longo de todos esses editoriais, as críticas ao Governo de Sócrates foram permanentes, no que se veio posteriormente a revelar assustadoramente verdadeiro, pelos Tribunais e comunicação social. Já criticava a sua arrogância e pendor centralizador, não só sobre o Estado, mas também sobre a comunicação social e empresas privadas.

Igualmente, chamei a atenção do que se tem vindo a tornar um paradigma dos primeiros mandatos dos Presidentes da República, de tenderem a defender e apoiar os Governos em funções, quase acriticamente, apesar das más políticas seguidas. Deixei na altura algumas críticas a Cavaco Silva por também o fazer em relação ao Governo de Sócrates.

Como referi no meu último editorial, em jeito de balanço e despedida, **“espero apenas ter honrado todos os meus grandes antecessores neste cargo, desde 1974”.**

# O futuro do nosso partido está nas mãos de jovens ativos



João Pedro Louro | Presidente da JSD

A minha jornada na Juventude Social Democrata começou num contexto de curiosidade e desejo de participação cívica. Lembro-me bem do meu primeiro encontro com outros jovens militantes, todos unidos por uma visão comum de um Portugal mais justo e desenvolvido. Foi na JSD que aprendi a importância do debate, da construção de consensos e da capacidade de liderar com responsabilidade. Cada reunião, cada projeto, e cada campanha eleitoral foram momentos de aprendizagem intensa e de fortalecimento dos meus ideais.

Na JSD, não somos apenas jovens a debater ideias; somos formados para ser os futuros líderes do nosso país. A JSD tem sido, ao longo dos anos, uma verdadeira escola de formação política, preparando-nos para os desafios que enfrentaremos enquanto líderes no PSD e, potencialmente, em cargos pú-

blicos. Foi através das formações, dos congressos e dos encontros nacionais que milhares de jovens adquiriram competências cruciais para serem, não só melhores dirigentes, mas melhores cidadãos.

Uma das riquezas do PSD é a sua capacidade de integrar e valorizar as diferentes gerações. Enquanto militante da JSD, sempre encontrei no PSD um partido que valoriza a juventude e a inovação, mas que também honra a experiência e a sabedoria dos seus membros mais antigos. Este diálogo intergeracional tem sido vital para a renovação constante do partido e para a adaptação às novas realidades sociais e políticas.

O PSD sempre se destacou pela sua defesa intransigente dos valores democráticos e pela sua capacidade de se adaptar às mudanças sem nunca perder a essência dos seus princípios fundadores. A JSD, como parte integrante desta história, tem a responsabilidade de garantir que esses valores sejam transmitidos e renovados a cada nova geração de militantes. É esta herança de liberdade, justiça social e desenvolvimento sustentável que nos motiva e nos guia.

Vivemos num tempo de enormes desafios, mas também de grandes oportunidades. A globalização, as mudanças climáticas, a revolução digital e as novas dinâmicas sociais exigem respostas inovadoras e eficazes. A JSD e o PSD têm estado na linha da frente, propondo soluções que conjugam a tradição

social-democrata com a necessidade de inovação e adaptação constante. A minha experiência tem-me mostrado que, com determinação e trabalho árduo, é possível fazer a diferença e contribuir para um Portugal melhor.

Ao celebrar os 50 anos do "Povo Livre", reafirmamos o nosso compromisso com os valores que nos unem e com a missão de construir um futuro mais próspero para todos os portugueses. Como Presidente da JSD, acredito firmemente que o futuro do nosso partido e do nosso país está nas mãos de jovens comprometidos, informados e ativos. O trabalho que realizamos hoje será a base das conquistas de amanhã.

O "Povo Livre" é mais do que um jornal; é um testemunho vivo da história do PSD e da JSD, das nossas lutas, das nossas vitórias e das nossas aspirações. Ao olharmos para trás, vemos um legado de compromisso com a liberdade e a democracia. Ao olharmos para o futuro, vemos a oportunidade de continuar este trabalho com renovada energia e esperança.

Que os próximos 50 anos sejam de contínua dedicação aos valores que nos definem e que o Povo Livre continue a ser a voz de todos os que acreditam num Portugal melhor e mais justo. É com este espírito que continuaremos a nossa missão, inspirados pelo passado e determinados a construir um futuro brilhante para todos.



Alexandre Poço | Ex-Presidente da JSD\*

# PSD: 50 anos de história a olhar para o futuro

*\* Em maio de 2024, Alexandre Poço era líder da JSD, razão pela qual publicamos o presente artigo*

O nosso partido, aquele que se vaticinou não ter espaço no espectro político-partidário saído da revolução de Abril, assinala este ano os seus 50 anos de vida. Gosto de caracterizar a missão do PSD ao longo das últimas 5 décadas como a do partido que procura, desde o primeiro momento, libertar a sociedade portuguesa e potenciar o valor e os sonhos de cada pessoa.

Devemos, portanto, ter orgulho da nossa história, dos momentos de luz e de sombra, que nos forjaram até aos dias de hoje. E devemos estar gratos a quem nos fundou, a quem nos implantou por esse país fora quando era difícil e aos milhares de militantes que, nos últimos 50 anos e com diferentes responsabilidades, mas com grande sentido de missão, ajudaram a consolidar o PSD como uma força estruturante da democracia portuguesa e como o partido mais português de Portugal. Para este esforço, não poderia deixar de evocar o significativo papel e contributo da JSD.

A JSD é a estrutura autónoma mais antiga (fundada em julho de 1974 por iniciativa de Francisco Sá Carneiro) e relevante do PSD, mantendo com o nosso partido uma relação umbilical desde a sua fundação. A JSD tem como missão promover a social-democracia personalista no seio da sociedade portuguesa, tendo assumindo um papel preponderante na implementação do PSD junto da juventude portuguesa, na formação de quadros e na garantia da defesa das aspirações das novas gerações ao longo dos últimos 50 anos.

50 anos são um belo marco na vida de uma organização para revisitarmos a história e projetarmos o seu futuro. Se temos tido como missão libertar a sociedade portuguesa, entendo que devemos ter sempre a capacidade de permanecer como um partido com ambição, com vontade de fazer e transformar, como um partido com iniciativa, realista e reformista, arrojado e sem medo de ousar e avançar.

Por outro lado, nos próximos anos e décadas, importa compatibilizar o traço de atualidade e adaptação da nossa ação política com a evolução dos tempos e da sociedade, agora que vamos caminhando largo num século de grandes transformações sociais e económicas. Durante 5 décadas temos sido uma força motriz da sociedade portuguesa, governando o país e as comunidades porque tivemos a capacidade de nos adaptar às mudanças da sociedade e da vida dos portugueses, contribuindo ativamente para essas mudanças. Com uma revolução digital em curso, com a crise das democracias representativas e com um novo mundo cada vez menos mediado a que juntamos uma população cada vez mais exigente, temos de saber ler os tempos e agir proactivamente.

Nunca quisemos alinhar em projetos ou tentativas da criação do “homem novo” ou enveredámos em fixações ideológicas que nada dizem aos portugueses, antes conciliamos os nossos princípios programáticos e ideológicos com a realidade concreta da nossa sociedade, procurando melhorar a vida

de cada pessoa no seu projeto de vida, único e irrepetível e, assim, fazendo o país progredir como um todo.

Nos próximos anos da vida do PSD, temos de construir um país com efetiva igualdade de oportunidades. Um país onde quem nasce pobre não tenha de morrer pobre, mas em que, com o seu esforço e trabalho, consiga subir na vida.

O país enfrenta inúmeros e persistentes desafios – o atraso crónico face à União Europeia, os baixos salários, a crise demográfica e o envelhecimento da sociedade, a emigração forçada de jovens qualificados, a economia pouco produtiva, um Estado Social exaurido, o lastro da pobreza, o abandono e crescente desertificação de partes significativas do país - a que se junta uma transformação que ainda não conseguimos mensurar totalmente os seus impactos, com o avanço da inteligência artificial e da robotização, que não poderá representar para Portugal e para os portugueses um ainda maior afastamento face às sociedades mais prósperas e desenvolvidas. Tempos desafiantes os nossos!

Temos muito trabalho pela frente nas próximas décadas da vida do PSD. Tenho muito orgulho na história do meu partido e da nossa JSD, mas tenho uma grande esperança no nosso futuro – lutando todos os dias para fazer do PSD uma alternativa política maioritária na sociedade portuguesa e acreditando sempre que os nossos melhores dias ainda estão por chegar.



# “Povo Livre”: 50 anos a escrever a História do Portugal contemporâneo

O meu primeiro contato com o PPD deu-se nos idos de 1974, quando comecei a militar na JSD e a colaborar no seu jornal “Pelo Socialismo”, que era editado juntamente com o “Povo Livre” e de que, mais tarde, viria a ser diretor adjunto, pasme-se, o meu caro amigo Paulo Portas.

Eram tempos difíceis, conturbados e imprevisíveis, em que para sobreviver politicamente era imperioso assumir uma posição de clara rejeição do antigo regime, muitas vezes, a par com alguns arroubos de esquerdismo, traduzidos pela reiterada afirmação programática e doutrinária da social-democracia como via para o socialismo democrático.

O “Povo Livre”, no dealbar do seu nascimento, naturalmente que não ficou imune a essa conjuntura, plasmando amiúde nas suas páginas a crispação do debate político dessa época, em que a dicotomia democratas e fascistas era a pedra de toque discursiva de qualquer revolucionário que se prezasse. Revisitar o “Povo Livre”, nestes cinquenta anos passados, é, deste modo, recordar a história do partido e do país. Há, contudo, na minha perspetiva pessoal e o “Povo Livre” retrata-o, cinco líderes, que eu me atreveria a qualificar como os cinco *grandees*, que marcaram e marcam a história do PPD/PSD.

Desde logo, Francisco Sá Carneiro, o fundador e alma mater do PPD, que com uma sagacidade política invulgar soube contornar a instabilidade e os excessos de uma revolução sem rumo, proclamando na cidade e no mundo a liberdade, a igualdade e justiça social como baluartes da democracia e do de-

envolvimento económico e social. O “Povo Livre” foi um dos preciosos instrumentos dessa mensagem de Francisco Sá Carneiro, atenta a restrição à liberdade de imprensa e de expressão imposta pelo aparelho político militar afeto ao PCP. Sá Carneiro, que já tinha sido um notável defensor das liberdades e dos direitos humanos na famosa ala liberal do crepúsculo do marcelismo, continuou a pugnar pelo valor supremo da dignidade da pessoa humana, ficando célebre a sua frase de que “O Homem é a nossa medida, nossa regra absoluta, nosso início e nossa meta”.

Depois Aníbal Cavaco Silva, o homem do leme com uma visão estratégica para Portugal, que soube como ninguém tirar partido da nossa adesão à CEE, em 1986, para modernizar Portugal, rasgando novas vias de comunicação estruturantes para o país, reformando o sistema económico, financeiro e fiscal, diminuindo o peso do Estado na economia, através de um vasto programa de privatizações, reforçando a componente da valorização dos nossos recursos humanos, através da formação profissional e abrindo a comunicação social aos privados em prol da pluralidade e da liberdade de expressão. Fica para a posteridade o seu desabafo um dia quando disse “Deixem-me trabalhar”, expressando bem o seu papel de governante fazedor e não de mero escrutinador ou comentador.

A seguir José Manuel Durão Barroso, o cidadão português que desempenhou até hoje o mais alto cargo na cena política internacional, prestigiando Portugal e os portugueses nos 10 anos que passou à frente da Comissão Europeia a

partir de 2004. Homem dotado de uma cultura e inteligência invulgar, José Manuel Durão Barroso tem, ainda, o seu nome associado aos êxitos da diplomacia portuguesa, enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros, sendo particularmente reconhecida a sua atividade e proficiência na procura da paz em Angola através dos Acordos de Bicesse. Será ainda sempre lembrado pela sua certa premonição quando disse, um dia, sendo líder da oposição “Sei que vou ser primeiro-ministro, só não sei é quando”.

Mais tarde, Pedro Passos Coelho, o primeiro-ministro que assumiu a condução dos destinos do país após o memorando de entendimento de entendimento com a Troika, em 2011, livrando Portugal da bancarrota. Líder dotado de uma coragem e determinação inabaláveis, ficará para sempre na nossa memória o discurso de verdade e frontalidade com que se dirigia aos portugueses num dos momentos mais difíceis da nossa história recente. Foi, por vezes, injustamente tratado, designadamente quando lhe imputaram o mito urbano de que queria ir além da Troika, quando o que efetivamente disse, numa sessão de encerramento da Asso-

ciação Nacional de Municípios em Coimbra, foi que “... independente daquilo que foi acordado com a UE e o FMI, Portugal tem uma agenda de transformação económica e social que é decisiva para pôr fim a modelos de endividamento insustentáveis”.

Por último, Luís Montenegro, o atual primeiro-ministro de Portugal em que os portugueses se revêm, sendo consensual ao fim de pouco mais de cem dias de governo que, finalmente, temos um governo que decide e que tem um rumo e um desígnio de crescimento para Portugal. Ficou patente a sua inabalável convicção quando sentenciou ainda na oposição, relativamente a um eventual acordo com o Chega que “Não é não”. Frontalidade, perseverança, assertividade, humildade e mundividência são outro dos seus atributos. Luís Montenegro está a fazer paulatinamente o seu caminho. Vai ter ainda muito para dar a Portugal e aos portugueses.

Eis os cinco *grandees* do PSD.

O “Povo Livre” cá estará, ontem, hoje e sempre, para exaltar o seu exemplo e para continuar a escrever a História do Portugal contemporâneo.



Jorge Neto | Diretor do Povo Livre entre 24/10/2007 e 21/04/2010

# PSD na Europa: confiança e estabilidade

Em Portugal, nestes primeiros 50 anos de vida, o PSD tem sido o principal, se não mesmo a única, referência de estabilidade política nas suas grandes linhas de afirmação europeia e até internacional. Essa coerência gera segurança.

Na nossa história não há registo de alianças com partidos que ponham em causa a integração na União Europeia e na NATO. Não há registos de concessões a Estados que violem o Estado de Direito nem de tolerância a regimes ou líderes autoritários, sejam de direita ou de esquerda.

O contexto atual de guerra, de ameaças globais e desafios que ultrapassam as nossas fronteiras, só veio confirmar a certeza das opções fundamentais do PSD.

Defendemos o "modo de vida europeu", a economia social de mercado, que põe a pessoa humana, a sua dignidade, os seus direitos e os seus valores no centro da ação política.

Apostamos no crescimento sustentável, mas real, que dê mais riqueza e competitividade à Europa. E temos a convicção de que quem - verdadeiramente - quer uma Europa social tem de defender uma Europa competitiva.

No governo ou na oposição, de Francisco Sá Carneiro a Luís Montenegro, o PSD dos últimos 50 anos tem sido o partido no qual os portugueses podem confiar.

Somos, desde a nossa génese, o partido mais português de Portugal; passado meio século podemos afirmar - com a certeza da confirmação histórica - que somos o partido mais europeu de Portugal.

Num mundo em mudança, à procura de novos equilíbrios, a imprevisibilidade passou a ser uma premissa com a qual teremos que contar na nossa avaliação política. Por essa razão, os partidos que conseguem assegurar a previsibilidade das suas decisões são bastiões sólidos de segurança e merecem, assim, a confiança dos eleitores.

No panorama político-partidário, não só em Portugal como em toda a Europa e noutros pontos do mundo, as derivas populistas ou nacionalistas, tentam pôr em causa as democracias, os sistemas parlamentares e o modelo ocidental. São ameaças e fenómenos aos quais devemos estar atentos e para os quais temos que encontrar respostas.

Acreditamos que com uma boa governação, com realismo, moderação e bom senso, conseguimos combater os extremismos. Também aqui, o PSD tem sabido dar resposta aos desafios do seu tempo: resistindo e denunciando os discursos simplistas, populistas, de direita e de esquerda, optando por verdade nas palavras e coragem na ação!



Paulo Cunha | Chefe da delegação do PSD no Parlamento Europeu

Em Portugal, temos tido um contexto favorável no que diz respeito à opinião dos cidadãos sobre o projeto europeu. Um estudo recente mostrou que os portugueses têm uma imagem positiva e consideram que Portugal tem beneficiado da adesão à União Europeia.

São dados que dão ânimo ao nosso trabalho no Parlamento Europeu.

Quando em 1988 se publicou o chamado "relatório Cecchini" sobre os custos da "não-Europa", que embora tratasse essencialmente do mercado único colocava uma questão relevante no seu tempo, estávamos longe de imaginar que iríamos passar por um Brexit, por uma crise financeira, migratória, energética, alimentar, sanitária, ou mesmo por uma guerra às portas das nossas fronteiras. Hoje, passados 36 anos e inúmeras crises, a grande maioria reconhece a mais-valia deste investimento: não seria preciso fazer muitas contas para chegar à conclusão que o custo da "não-Europa" seria incalculável, desastroso mesmo.

Mas nem tudo está ganho. Integramos a União e a Aliança certa, mas

são muitos e exigentes os desafios que temos pela frente, como aliás resulta do Programa que apresentámos aos eleitores no passado dia 9 de junho: da guerra às migrações, do ambiente à prosperidade, da inteligência artificial à ética, da segurança alimentar à coesão territorial, do combate ao crime à luta contra a corrupção e ao terrorismo, da Europa intergeracional ao modo de vida que defendemos, o modo de vida europeu, sem esquecer a Habitação, que - em boa hora - foi apresentada como prioridade nos seus discursos de reeleição, pelas recém eleitas presidentes do Parlamento Europeu e da Comissão Europeia, Roberta Metsola e Ursula von der Leyen.

Mantendo a coerência que tem gerado a confiança e sido a marca d'água do PSD dos últimos 50 anos, uma coisa podemos garantir: todas as nossas decisões terão sempre em conta o reforço do respeito pelo Estado de Direito, pelos direitos fundamentais e pelos princípios que estruturam a democracia na União e em todos os seus Estados-membros.

# Ser do PSD

Foi há 20 anos, em maio de 2004, que me tornei militante do Partido Social Democrata. Tinha chegado à política pouco antes, diretamente pela via de um cargo governativo, como ministra da Ciência e Ensino Superior do XV Governo Constitucional, liderado pelo doutor Durão Barroso, e quando me foi oferecida a possibilidade de me juntar ao partido, considerei ser o momento de devolver a confiança que em mim tinha sido depositada.

Não direi que, antes disso, fosse uma pessoa particularmente politizada. Senti, como tantos jovens que cresceram antes do 25 de Abril de 1974, a claustrofobia de viver num país fechado sobre si mesmo. Vi o sofrimento daquelas e daquelas que se despediam dos filhos, maridos e namorados para os verem partir para a guerra colonial. Depois da revolução, partilhei a esperança num futuro melhor, e entusiasmei-me com os valores, convicção e sentido de Estado de personalidades como Sá Carneiro e Francisco Balsemão. Mas durante muito tempo os meus estudos e a minha vida académica e profissional tiveram prevalência sobre a política ativa.

O sentimento de lealdade ao PSD, e aos seus valores, à sua visão de Portugal, foi sendo construído no terreno, ao representar o partido no governo, onde atualmente me volto a encontrar, mas também no poder autárquico, como deputada à Assembleia Municipal de Beja, ou no Parlamento Europeu, onde cumpridos dois mandatos como eurodeputada.

Foi sendo consolidado ao lado de líderes que tiver a sorte de acompanhar de perto, como Durão Barroso, Santana Lopes, Rui Rio, Luís Montenegro. Mas também pelo exemplo de Cavaco Silva e Manuela Ferreira Leite, que tanto admiro e admirei. E tantos outros, como Pedro Passos Coelho, que avançaram em momentos difíceis.

Há um sentido de missão nos militantes do PSD, muitos dos quais trabalhando longe dos holofotes, sem esperar reconhecimento pelos seus atos, que é uma marca identitária deste partido, uma marca que o acompanha desde a sua fundação há 50 anos. O PSD existe para servir Portugal, e para concretizar a visão de um Portugal virado para o futuro, justo, ambicioso e informado, como era Francisco Sá Carneiro.



Maria da Graça Carvalho | Presidente do Conselho de Administração do Instituto Francisco Sá Carneiro

A consciência dessa identidade foi algo que desenvolvi graças as experiências e aos exemplos que referi, mas que se tornou particularmente evidente quando tive o privilégio de ser convidada para presidir ao Instituto Francisco Sá Carneiro, há alguns anos. Sendo uma entidade autónoma, e aberta a contributos e influências de diferentes espectros político-partidários, o Instituto, que começou por chamar-se Instituto Progresso e Social Democracia, é a vários níveis a quintessência do que significa ser social-democrata.

As ações de formação desenvolvidas, nomeadamente as dirigidas aos jovens e às mulheres. As discussões sobre temas da atualidade, sempre marcadas pela preocupação de construir pontes e encontrar soluções. A abertura ao mundo e a preocupação de estar presente, não apenas em Lisboa e no Porto, mas em todas as regiões

do país. Tudo isto são reflexos da visão dos nossos fundadores, que nos acompanha até hoje.

Ser do PSD é estar sempre pronto para liderar, para apontar caminhos e procurar soluções, mas ter a humildade de colocar os interesses do país, do concelho, da freguesia, acima dos pessoais e político-partidários, quando são outros a desempenhar essas funções.

Ser do PSD é ser convicto da própria visão, e tudo fazer para a concretizar, sem deixar de ouvir, de procurar aconselhamento com os diferentes setores da sociedade, de ser capaz de aprender com os outros.

Sou social-democrata com orgulho, porque sei que ao servir este partido sirvo o meu país. E não há honra maior. Muitos parabéns PSD! Juntos continuaremos a escrever esta história.

# “Povo Livre”, um marco de resiliência e compromisso

No início da minha vida profissional, com 16 anos, que praticamente coincidiu com a minha militância no PSD, trabalhei como porta-miras, um ajudante do topógrafo. À data, porque não havia as modernas tecnologias, como o GPS, um porta-miras era alguém que auxiliava os trabalhos de levantamento de terreno e os instrumentos de trabalho eram a mira – uma régua vertical – o lápis, o papel, as estacas. Tudo era manual e as mãos tinham de ser precisas.

Falar de topografia na década de 1980 é como visitar a forma como se faziam jornais. O tempo era o elemento determinante. Também tudo era feito à mão – ou quase tudo, com o auxílio de máquinas de escrever, por exemplo – da redação à edição, da recolha de informações à composição gráfica, da revisão e prova à montagem em chapas metálicas.

Os jornais eram vendidos fisicamente, rua a rua, esquina a esquina, através de ardinhas ou em quiosques. Recordo-me do “Povo Livre”, como me recordo dos três grandes diários do Grande Porto: “Comércio do Porto”, “Jornal de Notícias” e “Primeiro de Janeiro”, onde também trabalhei, como revisor de textos.

As notícias do país e do mundo chegavam sob a forma de resmas de páginas com tinta quente impressa que eram, depois, usadas pelos vendedores da feira para embrulhar o peixe, a fruta e os legumes. Um pouco como a lei de Lavoisier, “*Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*”. Já havia a consciência da sustentabilidade, mas não havia ASAE.

Celebrar os 50 anos do “Povo Livre” não é apenas um comemorar de meia década de publicação, mas é, sobretudo, prestar um tributo a um título que resiste, relevante e persistente, num contexto desafiador, face a um panorama de mudança no mundo da comunicação.

O “Povo Livre” não é apenas um jornal, mas um verdadeiro testemunho da história do PSD, com uma identidade própria, uma matriz ideológica, se quisermos uma expressão do tempo. O PPD e o “Povo Livre” são as duas faces da mesma moeda.

Por outro lado, no atual cenário de crise da imprensa escrita, onde muitos jornais se viram obrigados a encerrar, o “Povo Livre” destaca-se, ironia do destino, ao lado do “*Avante!*”, possivelmente como um dos poucos e últimos bastiões da imprensa partidária. É um feito notável e a clara demonstração da vitalidade da comunicação política e do espaço de participação cívica que representa o nosso jornal. A longevidade do “Povo Livre” não é apenas uma questão de sobrevivência, mas um símbolo das convicções de um projeto político.

A fundação do PPD foi, em si própria, um ato de coragem e um contributo decisivo para a regeneração da sociedade portuguesa, que emergia de uma longa ditadura, numa conjuntura marcada por profundas incertezas. O PPD nasceu como um partido impossível, sem espaço entre a dicotomia direita-esquerda e à margem do alinhamento com as organizações internacionais, algo que era comum a outros partidos, como o PS e o PCP.

Este espírito de resistência e inovação foi a marca genética para a criação do “Povo Livre” que, pela sua própria essência, busca conciliar a tradição com a modernidade. Assim como o PSD se colocou num lugar de diálogo, aberto a diversas correntes de pensamento, o jornal tem sido um lugar de diálogo, aberto a diversas correntes de pensamento, um espaço de pluralidade e de discussão de ideias. Acresce que, nos últimos anos, face aos desafios da era digital, o “Povo Livre” também investiu em plataformas online e nas redes sociais, sem nunca abandonar a edição periódica semanal, que continua a ser a alma do nosso jornal.

Para mim, foi uma honra e um privilégio ter servido como diretor do “Povo Livre”, durante quase três anos, onde tive a oportunidade de trabalhar, lado a lado, com uma equipa, dedicada e apaixonada pelo que fazia, comprometida em produzir conteúdos de qualidade e fortalecer o diálogo com os nossos militantes e dirigentes.

Levo comigo gratas recordações de uma experiência em que acredito que, cada edição, cada artigo e cada discussão contribuíram para

consolidar a nossa missão e a proximidade do PSD com o país.

O “Povo Livre” não é apenas um meio de comunicação, mas um património de ideias, dos militantes do PSD e dos cidadãos. É um espaço onde os militantes de base ganham voz, onde as suas causas assumem dimensão, onde estes celebram as suas vitórias ou promovem a discussão de propostas, nos momentos mais adversos.

Nesta data redonda, saliento a importância de continuarmos a valorizar a força das ideias e a liberdade de expressão. Os desafios do atual PSD são muitos, mas a nossa paixão por uma sociedade mais justa e democrática motiva-nos a seguir em frente. O “Povo Livre”, tal como o próprio partido, é um símbolo de resiliência e de esperança em dias melhores. Celebrar esta data é também reafirmar nosso compromisso com todos os que, ao longo destes 50 anos, contribuíram para fazer do PSD uma referência de governabilidade, num país que hoje, tal como na fundação, clama por mudanças políticas, económicas e sociais.

Que venham, pois, mais 50 anos de diálogo, de novos desafios e, sobretudo, de conquistas!



José Cancela Moura | Diretor do Povo Livre  
entre 21/02/2018 e 15/10/2021

# O Partido português social-democrata

Quando se deu o 25 de Abril, a revolução democrática e a fundação nacional do PPD, eu tinha oito anos, quase a fazer nove.

Cresci a entender a democracia como o regime que promove a Paz, no Povo e entre os Povos. Um regime de convívio em paz, de tolerância com a diferença de uns e outros e com todos.

Posteriormente, a dimensão holística do meu entendimento foi construída com base em três étimos indeclináveis do seu conceito, aliás, também da Social Democracia, e que já constavam da melhor doutrina embrionária sobre Democracia: a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

No entanto, para além dessa essência que os étimos acima ditos explicam, há a mais icónica expressão global do que é a Democracia, expressa, em solo americano, pelo presidente dos Estados Unidos da América, Abraham Lincoln, no seu famoso discurso de Gettysburg.

No seu discurso foram evocados os princípios da igualdade da Declaração de Independência dos Estados Unidos e o final da Guerra Civil. A Paz como um novo nascimento da Liberdade, que traria a igualdade entre cidadãos, criando nos Estados Unidos uma nação unificada, cujos poderes dos próprios Estados não seriam superiores aos do "Governo do Povo, Pelo Povo, para o Povo".

Quanto aos étimos do meu entendimento de democracia, recorro, com orgulho, ao próprio PSD, destacando o que significa o símbolo do PPD.

## As famosas setas do PSD

O símbolo da social-democracia traduz bem a importância fundamental das conquistas realizadas por via democrática.

Ao símbolo do nosso Partido, as três setas, são atribuídos os significados que correspondem, na realidade, às linhas fundamentais do programa do PPD. As setas representam os valores fundamentais da Social-Democracia: a liberdade, a igualdade e a solidariedade; mostram que a democracia só existirá verdadeiramente se for simultaneamente política, económica e social.

As cores simbolizam movimentos e correntes do pensamento que contribuíram para a síntese ideológica e da ação da Social-Democracia: a negra, recorda os movimentos libertários do século XIX, a vermelha, lembra as lutas das classes trabalhadoras, e a branca aponta os valores do homem, a tradição cristã e humanista, substanciada no Personalismo.

Em resumo, o símbolo do PSD expressa bem a vontade irreversível de ascensão, de caminhada com todos, numa sociedade mais justa e livre.

Os valores do PSD são referência civilizacional moderna e com futuro perene.

O PSD é o partido que se fundou, em Portugal, pela causa da Democracia e por causa do futuro do País. Pelo seu desenvolvimento económico, coeso e solidário, para toda a sociedade e território.

O PSD abraçou a visão de um País descentralizado, e foi o partido português decisivo da Autonomia Política dos Açores e da Madeira.

Saúdo, hoje, com orgulho e expectativa, este património construído na primeira hora, mas que, enquanto pergaminho que é, não pode deixar de liderar as decisões políticas mais reformistas, por exemplo revisão da Constituição da República, bem como no campo de iniciativas legislativas e governativas a exercer.



José Manuel Bolieiro | Presidente do PSD/Açores

Nos Açores, a 14 de maio de 1974, foi fundado o PPD/A, que se integrou no PPD nacional, entretanto criado. Já esta nuance fundadora é reveladora do ADN do PSD e da sua compreensão do valor de organização descentralizada e optativa pelo respeito da Autonomia Política dos Açores e do PSD/Açores.

O PSD nos Açores, como no País, assumiu, na verdade, uma identificação mais íntima com a cultura e a ambição do próprio povo dos Açores, que logo nas eleições de 25 de abril de 1975, para a Assembleia Constituinte, expressou de forma inequívoca e mobilizada essa identidade.

A participação eleitoral foi de 90,33%. A abstenção foi de 9,67%. O PPD obteve 59,35% e o PS 26,83% dos votos. Os dois únicos partidos que elegeram mandatos para a Constituinte

Aliás esse nível de adesão do Povo ao PPD e futuro PSD foi por largo período na Democracia nos Açores.

## A Autonomia Política

Nos Açores, a causa social-democrata e a fundação autónoma do PPD/Açores tiveram igualmente como objetivo sempre a unidade dos Açores e a Autonomia Política, como forma de constituir uma Região Autónoma, com órgãos de governo político próprio, em reconhecimento do seu povo e sua identidade.

O Primeiro e mais ousado partido político português defensor da Auto-

nomia Política foi o PSD, que se assumiu, com Sá Carneiro e Mota Amaral, sem desconfiança de um regime com alargadas competências políticas, legislativas e com órgãos de governo próprio, para além de poderes administrativos próprios e sem tutela centralista da República.

E isso não foi algo entendido e desejado por todos os outros partidos políticos, alguns que logo ali, na Assembleia Constituinte, revelaram desconfianças sobre a Autonomia Política, desejada e configurada pelo PSD/Açores, impondo, por isso, várias limitações constitucionais, que mais tarde, sob o lema da **Autonomia Progressiva**, defendida com tenacidade pelo PSD/Açores, foram sendo eliminadas.

Infelizmente ainda não estão dissipadas todas as desconfianças ou tendências centralistas, que se revelam aquando de cada revisão da Constituição, que vise o aprofundamento da Autonomia Política ou também em leis ordinárias da República, que tratem matérias de interesse para as Regiões Autónomas.

Este ADN do PSD não pode perder-se e deve ser dignificado. Aqui lembro, para que se inscreva mais um registo desta identidade, tanto aos atuais dirigentes nacionais, como aos futuros, esse encargo de coerência e ambição. Ser sempre primeiro na democratização do Estado de Direito que é Portugal, e no qual fomos, desde a primeira hora, decisivos.

# Somos um partido que se realiza na democracia plena

Permitam-me, em primeiro lugar, que saude as várias gerações de dirigentes, os que exerceram funções nos Governos liderados pelo PPD/PSD ao longo destes cinco decénios e, sobretudo, os militantes que, diariamente, de norte a sul do País e nas ilhas, fomentam os valores da social-democracia, evidenciam os méritos das nossas propostas e vincam-nas como a impreterível e incontornável resposta para os Portugueses que ambicionam realizar um País assente no progresso social, no desenvolvimento económico, através da inovação, da competitividade e da atratividade, e que assegura às novas gerações trabalho bem remunerado, sustentado na contínua e consistente criação de riqueza.

Celebramos 50 anos de compromisso inabalável com a Democracia, a Liberdade, a Igualdade e a Solidariedade.

Contribuímos, em novembro de 1975, de forma indelével, para a não deriva do País para uma nova forma de Totalitarismo.

E asseguramos às famílias e às empresas, através dos nossos Governos os períodos de maior desenvolvimento, crescimento e convergência social e económica da História da Democracia Portuguesa.

Motivos de orgulho que nos devem inspirar e motivar hoje e amanhã, replicando-os como marcas identitárias do PPD/PSD.

Somos um partido que se realiza na Democracia plena.

E somos, acima de tudo, o partido que melhor serve as aspirações dos Portugueses.

Sabemo-lo, porque a Boa Governação não é intangível. É, pelo contrário, mensurável, quer pelos indicadores, quer pelas melhorias concretas imprimidas e percebidas pelas nossas concidadãos.

E, nesse sentido, dizer-vos que a social-democracia se cumpre ininterruptamente há 48 anos nesta nossa parcela do País, a Região Autónoma da Madeira, alicerçada num pacto de confiança entre os Madeirenses e os Porto-santenses e o nosso projeto político.

E cumpre-se, como melhor compreenderão os mais familiarizados com a Madeira de 1976 – ano das primeiras Legislativas Regionais e do início de funções do I Governo Regional do PPD/PSD – face à atualidade, num trajeto entre os antipodas: da miséria, do atraso e do abandono seculares – que se traduzia numa realidade económica e social muitíssimo mais gravosa do que a do País até 1974/76 – para uma Região de progresso, de paz, de bem-estar e de coesão social, incluindo nos setores da Saúde, Educação e Transportes que, em apenas duas gerações, convergiu com País e se aproxima da Europa.

Há sensivelmente nove anos – abril 2015, período em que o PPD/PSD Madeira iniciou um novo ciclo político, sob a minha liderança –, o PIB regional situava-se nos 4,1 mil ME, o PIB per capita nos 15,9 mil euros, correspondendo a um índice de disparidade de 95,3% e 73,2% face ao País e à UE, respetivamente.

Em 2022, a Região Autónoma ultrapassou, pela primeira vez, os 6 mil ME de PIB, atingindo um PIB per capita na ordem dos 23,7 mil euros, situando o índice de disparidade nos 100,6% da média nacional e nos 79,2% da união a 27.

A estimativa de fecho de 2023 aponta para um PIB de 6,6 mil ME, antecipando-se, em 2024, que este ronde os 7 mil milhões de euros.

Ou seja, a Madeira, não só retomou, como intensificou – após a grave emergência de saúde pública – a pujança e o dinamismo da sua economia, registando, atualmente, 37 meses ininterruptos de crescimen-



Miguel Albuquerque | Presidente do PSD/Madeira

to positivo, com um número recorde de população ativa empregada – 134,1 mil Madeirenses empregados –, taxa de desemprego mais baixa do país – na ordem dos 6,1% – e a mais baixa da Região Autónoma nos últimos 20 anos – em junho último, voltou a se destacar das demais regiões do País pela maior redução do desemprego registado, menos 15,3% – e incremento dos rendimentos mensais, decorrente da performance económica e empresarial, transversal a múltiplos setores de atividade.

Indicadores excecionais acompanhados por um processo contínuo e consistente de sustentabilidade das finanças públicas regionais, que hoje se consubstancia num rácio da dívida em relação do PIB substancialmente inferior ao País e à média da UE – 71,0% na Madeira e 100,4% ao nível nacional.

E como realizamos esta trajetória? Encetamos, em 2016, de forma gradual e contínua, ou seja, a cada Orçamento da Região, uma descida da carga fiscal direta sobre as famílias e empresas, designadamente IRS, IRC e Derrama, assegurando, por esta via, maior rendimento disponível e poder de compra às

famílias e apoiando a capacidade de investimento dos empresários, assim como a criação de emprego e pagamento de salários.

Adotamos medidas muito significativas de apoio ao tecido empresarial durante a pandemia, tendo em vista, não só a manutenção da atividade, mas também dos postos de trabalho. Assim como de mitigação das consequências da inflação.

Diferenciamos positivamente o tecido empresarial sediado nos concelhos do norte da Madeira e Porto Santo, fixando IRC nos 8,75%. E já este ano estendemos este regime preferencial às tecnológicas.

Fazemo-lo no aprofundar da aposta de diversificação da economia regional, enquanto parte integrante de um conjunto de políticas e de investimentos públicos – implementadas e executadas nos últimos anos – geradoras de um ambiente propício ao estímulo, à atratividade e ao crescimento das empresas do setor tecnológico.

A faturação destas ultrapassa, de acordo com os dados mais recentes, os 612 ME, representando, para além da diversificação económica um desígnio de desenvolvimento,

de modernização e de internacionalização da nossa economia insular e ultraperiférica.

Em sùmula, as medidas de desagravamento fiscal executadas – volto a frisar: de forma planeada, gradual e contínua – entre os anos de 2016 e 2024 representam 606 ME devolvidos às famílias e empresas da Madeira e Porto Santo.

Dizer-vos ainda que este desagravamento não levou a uma diminuição de receitas, pelo contrário, sendo que uma parte não incide sobre as famílias, nomeadamente as provenientes do Centro Internacional de Negócios da Madeira, do Turismo ou ainda das Tecnológicas.

A ação governativa encetada pelos meus Governos tem fomentado, ao longo dos anos, fatores relevantíssimos – a confiança, a previsibilidade e a estabilidade política –, porquanto os compromissos assumidos com as famílias e com os agentes económicos e sociais cumprem-se.

Aliamos, assim, o cumprimento dos compromissos aos resultados mensuráveis e percecionáveis.

Portugal e a Social-Democracia concretizam-se nesta parcela de um País descontinuado – assim como nos Açores –, tendo, também, incontornavelmente, por pedra basilar a Autonomia Política conferida, e bem, aos Povos insulares, por via de um processo então liderado pelo PPD de Francisco Sá Carneiro, Francisco Pinto Balsemão e Joaquim Magalhães Mota.

Mas a Autonomia é sempre um processo inacabado, em virtude das circunstâncias do passado recente – os anos de governação socialista foram redutores e restritivos no cumprimento das obrigações da República para com as Regiões Autónomas –, dos desafios atuais e futuros e das legítimas aspirações dos Madeirenses e Porto-santenses, as quais são e sempre serão o caminho a prosseguir pelo Partido da Autonomia – o PPD/PSD-Ma-

deira.

E é hoje impreterível uma revisão da Lei das Finanças Regionais, cuja proposta conjunta dos Governos Regionais da Madeira e dos Açores, em elaboração, visa, entre outras questões, assegurar maior amplitude nos poderes legislativos em matéria fiscal, por forma a garantir mais investimento regional, nacional e internacional.

Estamos certos de que o diálogo leal e profícuo entre Governos envolverá esta muito ambicionada atualização.

O Presidente do PPD/PSD, Luís Montenegro, tem diante de si, enquanto Primeiro-Ministro, uma tarefa hercúlea, não por inadequação do Programa sufragado pelos Portugueses, mas pela necessidade imperativa de correção de anos de empobrecimento do País, de correção de um conjunto de disfuncionalidades nos serviços públicos e pela correlação de forças à Assembleia da República, as quais nos impõem

difficultades acrescidas.

Mas estou certo de que o Governo da AD, liderado pelo nosso PPD/PSD saberá dar ao País e aos Portugueses o ambicionado novo rumo – de estímulo ao investimento e à inovação, de criação de riqueza, de postos de trabalho e de distribuição de rendimentos, de fomento da paz e do bem-estar social e de um horizonte de esperança junto das novas gerações – inspirado nas nossas marcas identitárias.

Do PPD/PSD que deu ao País os melhores períodos de desenvolvimento e de crescimento económico.

Do PPD/PSD que restituiu sempre a esperança, quando invariavelmente retirada pelo nosso principal adversário político.

Seguramente, sob a liderança do PPD/PSD, o País é mais capaz de vencer os desafios e de cumprir os interesses do Povo Português.

**Viva o PPD/PSD!**

## O “Povo Livre” a acompanhar os tempos

O “Povo Livre” é o jornal oficial do Partido Social Democrata e, nessa medida, é o órgão de comunicação mais avalizado para escrever em nome do Partido Social Democrata.

Assim acontece há 50 anos, meio século. Trata-se inegavelmente de uma data histórica e muito respeitável que deve ser celebrada e distinguida.

Numa primeira fase, com a publicação em papel e com uma importância acrescida e marcante. Nesta segunda metade do século de vida, já na forma digital.

O “Povo Livre”, para mim que fui diretor deste jornal durante 8 anos, vendo, revendo e trabalhando as edições semanais, tem um significado emocional muito grande, porque eu cresci com o “Povo Livre”: em minha casa, éramos assinantes do “Povo Livre” e, portanto, eu recebia em casa o jornal, em edição papel. E, ainda miúdo, desfolhava o “Povo Livre” e lia partes do jornal ou todo o jornal que representou parte da minha formação e consciência política.

Nunca havia imaginado que, 30



Miguel Santos | Diretor do Povo Livre entre 28/04/2010 e 14/02/2018

anos mais tarde, assumiria as funções de diretor do “Povo Livre”, missão que cumpri com muita honra e com muito gosto.

De resto, o Povo Livre é escrito e coligido pelo Marco Faria, com quem tive o gosto de preparar as edições ao longo de 8 anos, sendo a pessoa que mais se tem dedicado a preparar o jornal semanalmente. Recordo e homenageio o saudoso Luís

Rodrigues, que já não se encontra entre nós e que também dedicou muitos anos ao “Povo Livre”.

Portanto, o que eu desejo é que o “Povo Livre” continue a evoluir como órgão de comunicação oficial do Partido Social Democrata, a acompanhar os tempos e a evolução da sociedade e possa progredir e durar e perdurar durante muitos e bons anos.

# Os jornais partidários - o que deviam ser - o que são

Pode parecer arrogante dizer de alguma coisa "o que devia ser", mas quando essa coisa é o que é e não cumpre a sua função, o "deve" aparece por alguma porta. Os jornais partidários hoje estão numa crise profunda, e quase não se publicam em papel. A exceção é o *Avante!*. Acompanham a crise generalizada da imprensa em papel que, por sua vez, traduz uma ainda maior crise de relevância, mas também de credibilidade. Ou seja, uma crise de função. Para que serve a imprensa quando pouca gente a lê, e quase toda a gente a substituiu por pseudo-informação, ou por outros média?

Como as modas são sempre consideradas como inevitáveis, mesmo que não se goste delas e se perceba o seu papel pernicioso, toma-se por adquirido que a imprensa partidária está moribunda em papel, e torna-se um nicho pouco frequentado online. Serve como instrumento para pouco mais do que o registo oficial de intervenções ou declarações dos dirigentes e para as notícias administrativas da vida interior dos partidos.

O que falta? Vida política. Um partido como o PSD precisava, mais que nunca, de discussão teórica, programática, histórica e política, em grande parte porque na sua génese apareceu como um produto *sui generis*, o "partido mais português de Portugal", difícil de encaixar nas categorias políticas do Portugal pós 25 de Abril. Como se colocava no esquema tradicional de esquerda-direita, ou recusava classificar-se nesse modelo? Que tradições e influências traziam os seus fundadores, principalmente Sá Carneiro, para a génese do partido? De há muito que elenco três: liberalismo político, personalismo cristão, socialismo. Qual destas influências era a mais marcante e sobre que partes do programa inicial do PPD exercia essa influência? Aquilo que foi a história "prática" do partido, aquilo que ele realmente fez nestes 50 anos, que papel deu a essas influências, confirmou-as ou abandonou-as? O que mudou porque os tempos mudaram ou o que é que mudou porque o partido abandonou o terreno da sua génese e dos seus fundadores? Valia a pena ter



José Pacheco Pereira | Diretor do "Povo Livre" entre 25/03/1992 e 15/03/1995

esta discussão num media lento, adaptado à dimensão humana do ler e do folhear, que favorecesse o pensar fora da imediaticidade. E esse meio é ainda o papel, e o jornal partidário.

Eu fui diretor do "Povo Livre", mas também não avancei muito neste sentido de debate e discussão. A praga da imediaticidade impedia grandes debates, que também

eram mal vistos no interior do partido, onde uma lógica clubista e de "quem é amigo de quem", associada a um pragmatismo no pior sentido no acesso ao poder, tornava hostil qualquer discussão. Na verdade, o mesmo acontecia em todos os maiores partidos a começar pelo PS, pelo CDS, e era praticamente impossível no PCP. Devia, e foi assim que comecei, ser possível no PSD.



Entrevista a José Matos Rosa

# “O PSD é fundamental para Portugal”



José Matos Rosa | Ex-Secretário-Geral do PSD

Foi Secretário-Geral entre 12 de junho 2011 e 18 de fevereiro 2018, Secretário-Geral Adjunto de José Luís Arnaut, Miguel Relvas, Miguel Macedo e Luís Marques Guedes, e eleito deputado na X, XI e XII Legislaturas. Presidiu à X Comissão Parlamentar de Inquérito à Tragédia de Camarate. Organizou os 40 anos do PSD e entrevistámo-lo nos 50 anos do Partido.

**O que é representa para si o PSD? O que distingue o PSD dos restantes partidos políticos?**

O PSD representa, para mim, um dos pilares da nossa democracia. O que o distingue, para além dos seus valores e ideais, são as pessoas, sempre.

**Que medidas podem ser tomadas para fortalecer a democracia e as instituições democráticas?**

Deve ser feito um esforço para uma maior participação de todos, para envolver os portugueses e os eleitores nos vários atos eleitorais, facilitando o exercício do voto. Sempre fui contra o voto eletrónico, no entanto, acho que se deve tentar e evoluir nessa solução, no fundo para aproximar mais os eleitos dos eleitores e lutar pelo rigor e transparência do exercício das instituições.

**Recorda-se do momento em que se filiou no Partido Social Democrata? Como era fazer política nesse tempo?**

Eu já militava na JSD e PSD, sem ser militante. Eram tempos conturbados e difíceis, não era fácil darmos o nosso contributo. O que me fez militar no PSD foi perceber que o PSD era o partido com o qual mais me identificava, tanto no seu ideário, como nas pessoas que, tanto a nível nacional como local, o dirigiam.

**Pode contar-nos como foi a sua experiência como ex-dirigente do**

**Partido?**

A política sempre teve um certo fascínio, o poder contribuir no espaço democrático que me rodeava tinha muita importância. Comecei numa assembleia de freguesia, passei pela presidência de junta freguesia, vereador, deputado. A nível partidário de militante da JSD ao PSD, de presidente da JSD e PSD concelho e distrital, de membro do Conselho Nacional, Congressista a Secretário-Geral Adjunto e Secretário-Geral. A minha dedicação foi sempre total, em qualquer das funções ou cargos que exerci. Sempre estive nos lugares por gosto e serviço público. Tenho muitas boas recordações de todos os momentos da minha atividade política, até dos mais difíceis.

**Qual foi o momento mais marcante da sua carreira política?**

O momento mais marcante da minha atividade política foi quando fui eleito, em Congresso, Secretário-Geral do PSD. O apoio dos nossos companheiros foi marcante.

**Quais políticas públicas implementadas pelo PSD que, na sua opinião, tiveram maior impacto na sociedade portuguesa, ou seja, no bem-estar dos portugueses?**

O PSD foi sempre um partido reformista. Durante os seus governos, estive sempre ao lado dos portugueses com políticas públicas que lhes melhorou a vida. As políticas sociais e ambientais foram duas das áreas mais importantes em

que o PSD trouxe inovação e apoio.

**O que o preocupa hoje enquanto cidadão?**

Como cidadão, o que me preocupa mais são os extremismos, os populismos e a instabilidade.

**Como podem os partidos aumentar as taxas de participação em eleições?**

Os partidos têm de se abrir mais, não se podem fechar nem ter medo da participação da sociedade civil e de independentes. Os partidos não podem defender a abertura e a seguir fazer o contrário.

**O que diria aos jovens para melhorar a sociedade em que vivemos?**

Sou da opinião de que hoje os jovens estão bem informados sobre a atividade política e governativa, por isso só lhes diria que “não deixem que decidam por vós, participem mais na vida política e governativa, façam valer os vossos direitos”.

**O que pode ser feito para que um português que nasça no Alentejo tenha acesso às mesmas oportunidades que um português do litoral?**

Sou um alentejano do interior que tive as mesmas oportunidades de outro jovem de qualquer região do nosso país. Nunca tive ninguém na minha família ligado à política. O segredo foi a dedicação e muito trabalho, sempre nas funções que exerci. As oportunidades aparecem.

**Como vê o papel da inovação e da tecnologia na formação das camadas mais jovens?**

As novas tecnologias têm um papel fundamental na formação das

camadas jovens. Temos de aproveitar o que ela nos permite para se conseguir esse intuito. Temos de ir ao encontro dos jovens com as ferramentas que eles utilizam e temos de nos adaptar.

**Os dirigentes devem ir ao encontro das bases ou as bases devem interessar-se mais pela vida interna do Partido?**

O Partido são os seus militantes, os seus jovens, os seus autarcas, os seus trabalhadores. O PSD é um partido transversal à sociedade portuguesa, o que o torna único no panorama nacional. O Partido somos todos nós – as bases do PSD. Têm de ser os dirigentes a estar mais próximos dos militantes e simpatizantes e ser permitido a “todos nós” participarmos na vida interna do partido.

**Lisboa ou Portalegre, onde se sente mais em casa?**

Portalegre sempre foi a minha casa. Lisboa foi um momento da minha vida que gostei, mas Portalegre é e será sempre o meu refúgio.

**Gostaria de deixar alguma mensagem aos militantes e simpatizantes do PSD?**

A mensagem que deixo para os militantes e simpatizantes é do reforço da importância que o PSD teve, tem e terá no futuro, para os portugueses e para Portugal. O PSD é fundamental e imprescindível.

**Por fim, como vê o PSD daqui a 50 anos?**

Vejo um Partido, como hoje, fundamental para Portugal e portugueses.

Entrevista a Ricardo Carvalho

## “A vitória de Luís Montenegro nas legislativas” abre um “tempo de esperança”

**A Inteligência Artificial está a mudar e a moldar o mundo. O questionário, que a seguir apresentamos, não recorreu a nenhuma ferramenta poderosa de processamento de linguagem artificial, mas contém perguntas simples, ainda em versão exclusivamente humana.**

**Pode contar-nos um pouco sobre o seu percurso político até se tornar Secretário-Geral adjunto do PSD?**

O meu percurso político tem vindo a ser feito com base nas pessoas em que acredito e nos respetivos projetos. Foi assim num primeiro momento, quando integrei a Comissão Política Permanente da JSD, de 2010 a 2012, como Secretário-Geral Adjunto, a convite do então Presidente Duarte Marques, era Hugo Soares Presidente do Congresso. E foi também assim num segundo momento, em 2022, a convite do Secretário-Geral Hugo Soares, que assumi funções de Secretário-Geral Adjunto do PSD, curiosamente 10 anos depois.

**Qual foi o acontecimento político ou social que mais o marcou?**

A vitória de Luís Montenegro nas eleições legislativas de 10 de março deste ano, após 8 anos de (des)governança socialista. Um novo tempo de mudança e esperança.

**Como é gerir o funcionamento da máquina do Partido?**

A gestão é do nosso Secretário-Geral Hugo Soares. Sou apenas mais um elemento da sua equipa. Mas diria que é uma gestão diária, exigente, intensa, mas muito gratificante no final do dia.

**Quais são as principais prioridades estratégicas do PSD para os próximos tempos?**

Queremos continuar a modernizar o Partido ao nível tecnológico e digital, simplificando os processos internos, de que é exemplo a melhoria contínua da plataforma de gestão de militantes, a reformulação do site e da app,

potenciando a relação com os militantes e simpatizantes. A Revisão Estatutária, da iniciativa da atual Direção e aprovada no último Congresso, foi também um importante momento de abertura do Partido à sociedade civil e de preparação do Partido para as próximas décadas.

**É mais fácil fazer parte do partido que (co)governa ou do partido que lidera a oposição?**

De fácil não tem nada, nem no governo nem na oposição. Ser o Partido mais português de Portugal faz com que, diariamente, tenhamos de trabalhar para continuar a estar próximos dos portugueses, conhecer o país real e os problemas reais, quer estejamos no governo quer não. Porque temos de estar preparados para, em qualquer momento, apresentar soluções para os problemas das pessoas. É para isso que estamos na política.

**De que forma o PSD pode aproximar os jovens da política?**

Continuando a ser o Partido que sempre foi: humanista e interclassista. Colocar as pessoas, e em especial os jovens, no centro das suas políticas. Fazer aquilo a que nos comprometemos. Palavra dada, palavra honrada. Nesse contexto, os jovens são uma prioridade, vejamos a isenção de IMT e imposto de selo e a garantia pública na compra da primeira habitação (já aprovados), o IRS jovem, bandeiras políticas que não abdicamos.

**Qual é a estratégia de comunicação do PSD para aumentar a credibilidade e visibilidade junto dos eleitores?**

Uma comunicação simples, direta e positiva, assente numa verdadeira

proximidade com os portugueses, falando verdade e sempre com uma palavra de esperança. Acreditar!

**Costuma ver os tempos de antena dos partidos ou só do PSD?**

Vejo todos os tempos de antena e os do PSD são de longe os melhores.

**Acredita mais em sondagens ou em bruxas?**

Não acredito nem em sondagens nem em bruxas, mas confesso que dou alguma atenção ao que as sondagens nos dizem. Bruxas nunca conheci.

**Como podemos combater a desinformação e as fake news?**

Investindo na Educação de uma forma genérica, por um lado, e em literacia digital por outro, fomentando o consumo de conteúdos em meios de comunicação de referência.

**As alterações climáticas estão na ordem do dia. Qual é a posição do PSD sobre as mudanças climáticas e a sustentabilidade ambiental?**

O PSD foi dos primeiros partidos políticos em Portugal com preocupações ambientalistas e ecologistas. Hoje continuamos a defender a importância da transição para a economia circular e hipocarbónica, a transição global para uma sociedade de carbono neutro na definição das políticas públicas, com equilíbrio entre ambiente e economia, sem comprometer o crescimento económico, a criação de emprego e o futuro das novas gerações. Queremos também que Portugal lidere esta agenda ao nível da

União Europeia.

**Ainda consulta dicionários ou prefere googlar?**

Googlar. Na dúvida, recorro a um dicionário, mas digital.

**Como é que “Povo Livre” pode contribuir para a divulgação das ideias e valores do PSD?**

O “Povo Livre” faz parte integrante da história do PSD e teve um papel decisivo na afirmação do Partido. Assim vai continuar e o próximo passo será, ainda este ano, a sua disponibilização em formato 100% digital.

**As comemorações dos 50 anos terminam em maio de 2025, o que podemos esperar até ao 51.º aniversário do PSD?**

Tal como já anunciado pelo Secretário-Geral Hugo Soares, iremos promover uma exposição itinerante em todos os distritos com os momentos mais marcantes do Partido nos últimos 50 anos, a homenagem aos militantes com 50 e 25 anos de militância com a atribuição dos respetivos pins de ouro e prata, um ciclo de conferências, o livro dos 50 anos e um grande evento final de celebração dos 50 anos. Adicionalmente, em maio do próximo ano queremos inaugurar a remodelada Sede Nacional, dotada de um novo auditório de última geração (que receberá os Conselhos Nacionais e demais eventos políticos), uma mediateca, espaços *co-work*, um novo restaurante aberto ao público. **Uma Sede aberta a todos!**



Ricardo Carvalho | Secretário-Geral Adjunto do PSD

# Sopa de Letras

1. Anos de existência do PSD (por extenso). 2. Líder Parlamentar com mais anos na função (último apelido que usa). 3. Décimo Presidente do PSD (último apelido). 4. Foj Presidente da República, Primeiro-Ministro e Presidente do PSD (primeiro apelido). 5. Militante n.º 1 do PSD (último apelido). 6. Cidade onde nasceu Francisco Sá Carneiro. 7. Designação anterior do PSD. 8. Localização do próximo Congresso (cidade). 9. Foi Primeiro-Ministro e Presidente do PSD e da JSD (primeiro apelido que usa). 10. Nome da principal festa de Verão do Partido.

E	E	F	C	V	P	U	I	L	Ç	H	G	Ã	D	V	L	O	T	R	A
A	C	P	G	D	O	M	Ç	K	R	Q	A	F	W	P	P	D	I	M	A
S	O	O	V	Ç	R	W	A	S	E	I	B	A	L	S	E	M	Ã	O	T
W	D	O	B	P	T	E	E	Ç	R	F	R	R	U	H	G	M	J	O	F
W	A	I	E	O	O	A	E	O	E	S	A	E	R	S	T	X	O	U	G
O	P	U	A	P	O	N	T	A	L	R	G	E	D	R	D	Z	T	A	H
B	R	T	U	X	T	B	Q	E	F	O	A	T	F	C	T	X	A	E	V
R	I	A	I	C	I	A	A	E	T	I	J	Y	T	P	S	E	P	T	B
T	H	Q	O	V	D	K	X	E	P	R	N	U	A	C	F	T	A	P	I
M	Q	W	P	N	S	B	Z	Z	O	R	I	G	B	L	I	Y	S	G	A
O	R	R	Ç	M	A	G	V	Z	J	Y	Z	G	M	M	Ç	U	S	O	N
N	E	I	M	T	A	A	T	A	D	T	I	V	F	P	E	O	O	F	S
T	E	O	O	R	C	A	I	Q	C	E	R	U	F	A	R	B	S	G	F
E	R	N	O	G	U	E	I	R	A	D	E	F	E	P	G	S	E	T	G
N	K	I	N	M	S	R	G	O	V	E	A	S	D	D	A	Y	F	E	U
E	H	P	F	R	C	C	D	I	A	N	M	I	J	L	U	P	G	A	T
G	T	C	D	E	Z	S	Q	Y	C	E	T	O	B	A	D	P	O	E	Y
R	R	U	E	L	H	Q	S	U	O	R	A	Y	S	P	J	P	Q	R	W
O	D	C	G	A	I	M	C	R	I	F	R	Z	H	D	I	R	P	F	O
P	K	U	O	P	O	S	C	I	N	Q	U	E	N	T	A	E	D	F	C

# Palavras Cruzadas

**HORIZONTALMENTE**

5. A quem se deve a expressão “Hoje já somos muitos, amanhã seremos milhões”? 8. Quem teoriza sobre a raiz antinazi das três setas do PPD? 10. Quem são os autores do hino “Paz, Pão, Povo e Liberdade”? 16. Foi o eterno subdiretor do “Povo Livre”, assumindo por diversas ocasiões a função de diretor interino. 17. Em que cidade se realizou o II Congresso do PPD, em 6 de dezembro de 1975? 18. Qual a gráfica onde o “Povo Livre” era impresso nos tempos primórdios? 19. Quantos pontos tem o comunicado da fundação do PPD que Marcelo Rebelo de Sousa escreve na máquina de dactilografar de Lucília Santos, secretária da direção do “Expresso”? 20. Contando com a atual, quantas sedes nacionais teve o PSD [número por extenso]?

**VERTICALMENTE**

1. É o órgão máximo entre Congressos. 2. Entre 1976 e 1995 foi Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, mas, antes, integrou a Ala Liberal, liderada por Francisco Sá Carneiro, sendo eleito deputado em 1969. 3. Cavaco Silva é eleito Presidente do Partido nesta cidade, tornando-se no 9.º Líder do PSD. 4. Formalmente, é o Primeiro Presidente da JSD (entre dezembro de 1978 e novembro de 1982). 6. É no seu mandato que se introduz a eleição direta para a presidência da Comissão Política Nacional do PSD. 7. É “sala emblemática” em Lisboa, acolheu seis Congressos do PSD, o primeiro dos quais foi em 1986. 9. Quem convenceu Sá Carneiro, Francisco Pinto Balsemão e Magalhães Mota pela designação de Partido Popular Democrático? 11. Foi Presidente do PSD/Madeira e governou a Região Autónoma da Madeira durante 13.514 dias. 12. Qual o local exato onde decorreu o primeiro momento de confraternização de militantes e simpatizantes no Algarve, em 1976, e é a principal iniciativa de “rentrée” política em Portugal? 13. Era conhecido e respeitado cartoonista português, desenhou também para o “Povo Livre”. 14. Foi eleita nas listas do PSD deputada à Assembleia da República, gostava que lhe chamassem “poeta” (e não poetisa)... 15. Era a coluna de opinião assinada por Francisco Sá Carneiro no semanário de Francisco Pinto Balsemão.

# Povo Livre

Ano I  
Número 1  
13 Agosto 1974  
Preço 2850

ÓRGÃO OFICIAL DO PARTIDO POPULAR DEMOCRÁTICO

Director interino: MANUEL ALEGRIA

PARTIDO POPULAR DEMOCRÁTICO

## EDITORIAL CRIAR CONFIANÇA

A constituição do segundo Governo Provisório e o início de acção de elementos importantes no Movimento das Forças Armadas, como responsáveis por sectores políticos vitais, verificou-se apenas há um mês.

E portanto prematuro, apesar da rapidez com que evolui, presentemente o contexto sócio-político nacional, efectuar qualquer análise crítica sobre a sua acção.

A composição do elenco que constitui este segundo Governo Provisório foi contudo, quando analisada, imediatamente sentida, pela maioria dos portugueses como um "côco bom".

Pressenta-se que o contacto directo das Forças Armadas com os actuais problemas nacionais, o seu individualismo patriótico e a sentida democrática, conduziriam certamente a um maior realismo e apreciação de tais problemas.

Esses realismo e apreciação, a neutralização de quaisquer interesses partidários que se não subordinassem, tanto a curto como a longo prazo, ao verdadeiro interesse Nacional que corresponde à rápida transformação de Portugal, num país livre, democrático e próspero.

A avaliação demagógica de palavras e conceitos, a que se assiste, muitas ultrapassadas pela realidade europeia em que nos inserimos, certamente que seria alienada pelo que, responsável perante todos os Portugueses e a História, teriam que encontrar soluções rápidas e eficazes para a multiplicidade dos problemas decorrentes do atrofamento, ao mesmo tempo durante tantos anos, de uma verdadeira infra-estrutura política e económica.

O curto período de um mês, já vivido, garante que essa esperança, não está sendo iludida. Ao contrário, há, nas últimas semanas, a uma maior precisão de objectivos nacionais, um aliar, de dimensão histórica, assim como a uma maior clarificação dos interesses políticos em presença, não sem que, tal tenha provocado certas situações, de falso poder alheio, inconsistentes com o actual contexto de luta política, que se quer livre e democrática, sem prejuízo da unidade, que em termos de actual coligação governamental deve ser mantida.

Contudo, alguns equívocos, que desequilibraram o jogo político, pela confusão que provocam, sobejam aliás. A responsabilidade que o M.F.A. a si chamou, envolvendo-se na permanente análise da realidade actual e na tomada de decisões de que depende o presente e o futuro do País, é, no entanto, suficiente garantia de que, tais equívocos, serão progressiva e firmemente esclarecidos.

Será aliás, através do esclarecimento desses equívocos e do realismo, oportunidade e eficácia das medidas legislativas de que o País necessita, que se conseguirá criar essa "clima social", que, sem prejuízo das liberdades democráticas conquistadas, dá ao trabalhador a confiança que lhe é devido quanto ao seu futuro.

Mais do que o estímulo ao investimento, que informações oficiais, recentemente publicadas, afirmam não haver dúvida, pelo menos em termos de intenção, impõe-se que os trabalhadores sejam estimulados a beneficiarem plenamente dos resultados de rendimento, justamente conseguidos, transformando-os em melhoria do seu nível de vida, que através da elevação dos seus níveis de consumo, que pela criação de uma poupança reprodutiva, que reduza, ou elimine, o encumbramento improdutivo a que se assiste.

O sistema económico em que vivamos, estruturalmente frágil, conduzido, como se tem verificado, a que sejam as empresas de menor dimensão as mais afectadas pelo choque consequente de brusca alteração dos níveis de vencimentos, quer por via legal, quer consequente da propagação das reivindicações dos trabalhadores.

Há no entanto que "aguentar", operando recuamentos que permitam a reutilização de trabalhadores integrados em actividades, hoje como dantes, sem viabilidade económica. Só tal esforço criará um certo êxito de desemprego, arma absoluta de todos os trabalhadores.

E um dever nacional "aguentar", mas paralelamente será necessário que se atue de consumo e poupança reprodutiva de todos os trabalhadores aumentem em conformidade com os aumentos de vencimento de que beneficiaram, criando-se assim as condições para a dinamização da nossa economia.

Para isso há que dar confiança ao trabalhador, mas é agora a tarefa maior do Governo actual, pelo não ser um clima de confiança, em que cada um enquadre o seu futuro, o investimento será estimulado, o desemprego será eliminado e finalmente nascerá o Portugal Democrático, livre e socialmente justo que pretendemos.

M.A.

O P.P.D. FALA  
A TRABALHADORES  
RURAIS DE SERPA  
(desenvolvida reportagem no próximo número)

## SÁ CARNEIRO RESPONDE:

### SITUAMO-NOS NUMA LINHA PROGRESSISTA NÃO MARXISTA

Salientar pontos menos esclarecidos, fornecer dados para uma definição mais clara do pensamento e da acção e, sobretudo, dissipar dúvidas que a própria evolução do Partido abriu no espírito de muitos — estes os propósitos fundamentais da entrevista que hoje publicamos.

"Povo Livre" — Recentemente, o Dr. Sá Carneiro afirmou publicamente que, no processo de descolonização, se deveria "andar depressa mas sem pressa". Quer concretizar o seu pensamento a esse respeito?

Dr. Sá Carneiro — "Afirmo-o efectivamente quando, com os secretários gerais dos dois outros partidos, participei numa comissão de televisão, logo a seguir ao discurso do Sr. Presidente da República acerca da independência dos povos ultramarinos. Era o eu acelerar o processo de libertação dos povos coloniais relativamente a um poder político estrangeiro e a interesses que não são os seus. O passo decisivo nesse sentido

Continua pag. 3



Sá Carneiro, secretário-geral do Partido Popular Democrático.

## A ECONOMIA PORTUGUESA COM O P.P.D. NO PODER

As considerações que se seguem, relativamente ao modelo de desenvolvimento proposto pelo P.P.D., não podem deixar de se limitar, fundamentalmente, ao enunciado de princípios gerais e orientações básicas. Fica reservada para momento oportuno a divulgação do seu desdobramento em maior detalhe.

Um modelo de desenvolvimento só tem sentido quando enquadrado num projecto global de sociedade. O projecto proposto pelo P.P.D. é o da construção de um socialismo humanista e democrático cujos princípios fundamentais são: liberdade, justiça,

igualdade de oportunidades para todos e solidariedade. Como Partido Social-Democrático, o P.P.D. propõe trabalhar para se construir em Portugal uma sociedade onde cada cidadão se sinta livre e onde tenha desaparecido toda a desigualdade social.

O desenvolvimento da riqueza material não é considerado como um fim em si mesmo, mas sim como meio instrumental para a realização do Homem em Sociedade. O progresso material não deve subjugir o Homem, mas sim libertá-lo. Daí decorre que o poder económico deve estar subordinado ao poder político democraticamente constituído, de forma a responder aos profundos desejos e interesses colectivos expressos pelo voto dos cidadãos.

Numa sociedade, talvez por oportunismo, ou excessos reivindicativos apontados no passado, as costas, fazem-nos lembrar Judas, sem pelo nem rebuço, chamando-nos nacionalistas. Imaginem as vozes que o mundo dá, e foi preciso apenas uma manilha. Lá nos a lição é que nosse estado autoritarismo, andou por aí gente que quis os honras, os louros, e fama, a glória... "mas é que fomos os revolucionários" e quanto aos outros, necessários para comprar o "bunquet" governamental, que não para o diabo porque o que eles são é revolucionários. Até nós que dantes quando falávamos, diziam que era o mesmo que dar perdas a porcos. Quem diz, de facto. Mas a força que já somos, pode bem com certo monstros. E estes não são do destino.

Continua pag. 6



## POLEMICA

### QUEM DIRIA...

Consideravam-nos uma flor no plantano, um oasis no deserto, vozes que se desperdiçavam inutilmente num ambiente corrupto, mas que remaniam contra a maré, e sabe Deus que mais excepções honrosas nos atribuíam.

Numa sociedade, talvez por oportunismo, ou excessos reivindicativos apontados no passado, as costas, fazem-nos lembrar Judas, sem pelo nem rebuço, chamando-nos nacionalistas. Imaginem as vozes que o mundo dá, e foi preciso apenas uma manilha. Lá nos a lição é que nosse estado autoritarismo, andou por aí gente que quis os honras, os louros, e fama, a glória... "mas é que fomos os revolucionários" e quanto aos outros, necessários para comprar o "bunquet" governamental, que não para o diabo porque o que eles são é revolucionários. Até nós que dantes quando falávamos, diziam que era o mesmo que dar perdas a porcos. Quem diz, de facto. Mas a força que já somos, pode bem com certo monstros. E estes não são do destino.

Continua pag. 8

## A SOCIAL-DEMOCRACIA PARA...

**SOPA DE LETRAS**  
1. Cinquentaria 2. Montenegro 3. Nogueira 4. Caravelas 5. Balsemão 6. Porto 7. PPD 8. Braga 9. Passos 10. Pontal

**PALAVRAS CRUZADAS**  
1. Avôiro 2. Rúben 3. Pedro Roseta 4. Paulo de Carvalho e José Calvário 5. Visto 6. Seis 7. Carlos Mota Pinto 8. Mirandela [Mirandela & C.ª] 9. Coliseu dos Recreios 10. Quatro (Largo do Rato, Av.º Duque de Loulé, Rua de Buenos Aires e Rua de São Caetano à Lapa) 11. Augusto 12. Pinalhal do Portal [Rica localizada nos arredores do aeroporto de Faro] 13. João Cortelão 14. CID 15. Pinalhal do Portal [Rica localizada nos arredores do aeroporto de Faro] 16. Conselho Nacional 17. Alberto João Pereira 18. João Bosco Mota Amaral 19. António Lacerda de Queiroz 20. Natalina Correia Jardim

Capa da 1ª edição do Povo Livre, que foi para as bancas em 13 de agosto de 1974. Preço de um exemplar em 1974: 2\$50.

## FICHA TÉCNICA

Coordenação e Revisão: Marco Faria

Design Gráfico: Marisa Andrade

Impressão: YellowMaster

Edição Especial Limitada: 100.000 exemplares

Fotografias: © Arquivo do PSD